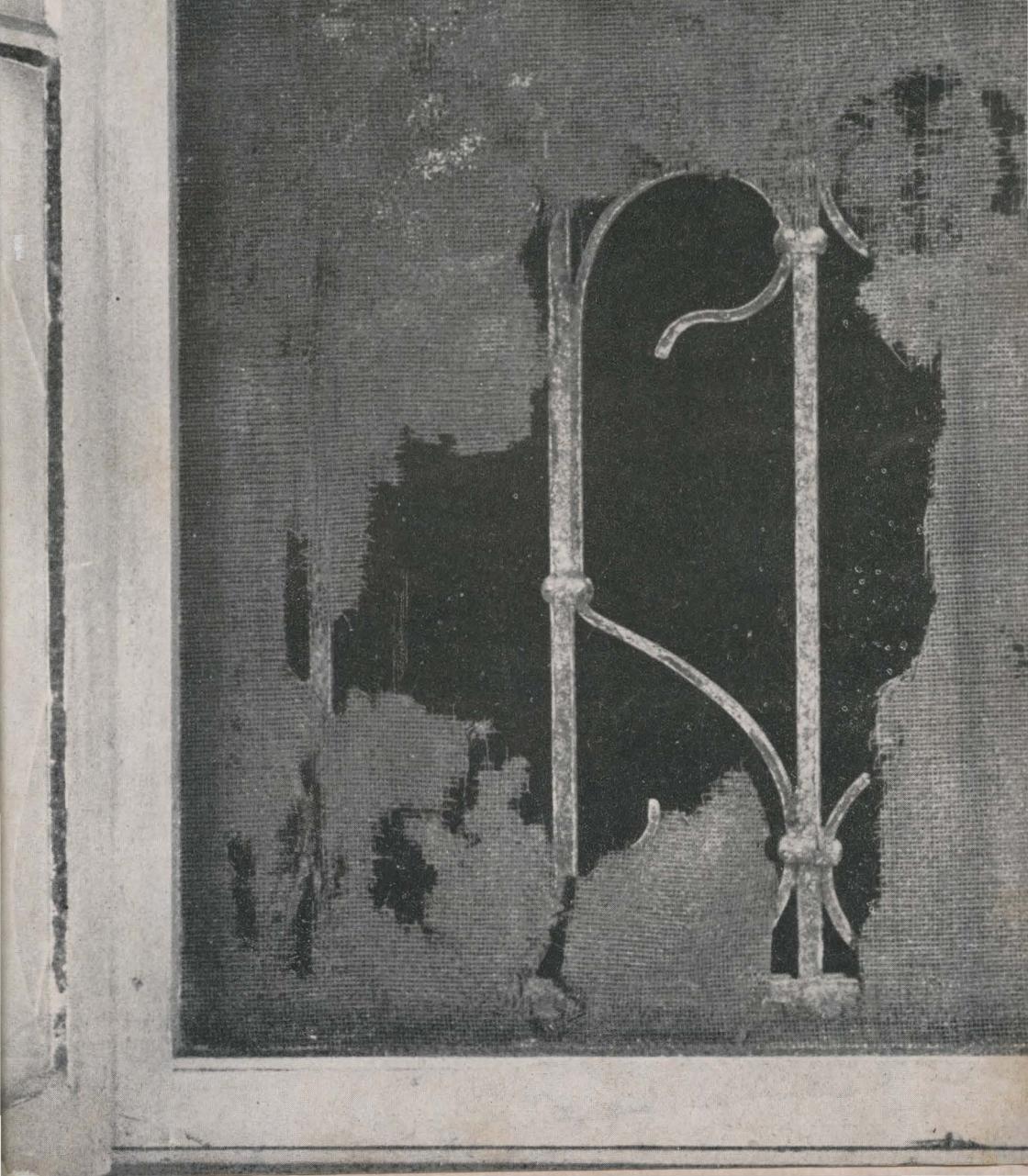


FOTOCINE

Boletim

N.º V — N.º 60

ABRIL — 1951



tudo que precisar em

Cine-Foto

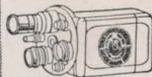
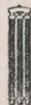
- ☆ Máquinas fotográficas
- ☆ Acessórios para fotografia
- ☆ Acessórios para laboratório
- ☆ Livros e revistas sobre Cine-Foto
- ☆ Filmes, chapas e papéis
- ☆ Projetores mudos e sonoros
- ☆ Filmadores 8 e 16 mm.
- ☆ Acessórios para cinema
- ☆ Filmoteca de aluguel
- ☆ Filmagens a domicilio
- ☆ Projeções a domicilio
- ☆ Moderno laboratório

Vendas pelo Credi-Mesbla

MESBLA

24 DE MAIO, 141

Uma loja completa no centro da cidade

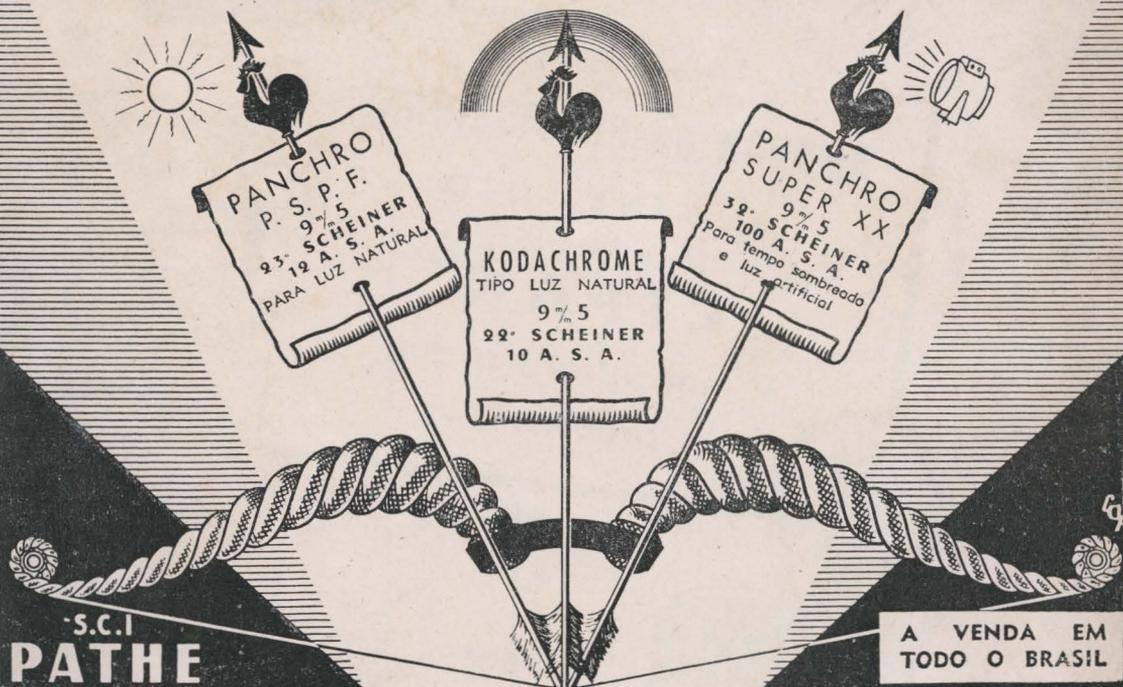


Isnard

Cine-Foto S/A

OFERECE

TRES FLECHAS PARA O SEU ARCO



S.C.I.
PATHE

A VENDA EM
TODO O BRASIL

PATHE 9,5 mm

O CINEMA

MAIS POPULAR
DO
MUNDO



MATRIZ:

R. 24 de Maio, 70/90

Tel. 34-8191

S. Paulo

FILIAIS:

Alameda Barros, 161

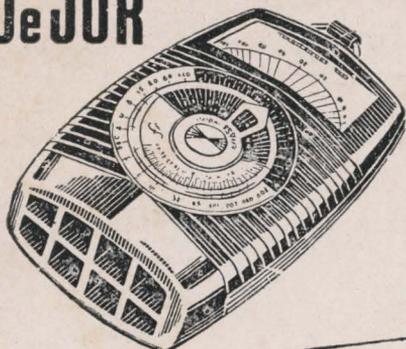
Tel. 51-4968 - S. Paulo

R. Evaristo da Veiga, 22

Rio de Janeiro

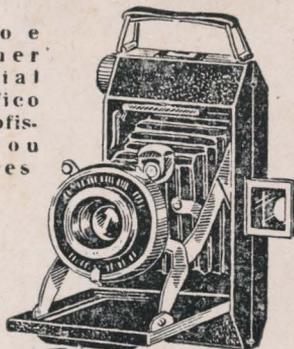
FOTÔMETROS E AMPLIADORES

De JUR



CÂMARAS DE VÁRIOS TIPOS

e todo e
qualquer
material
fotográfico
para profis-
sionais ou
amadores



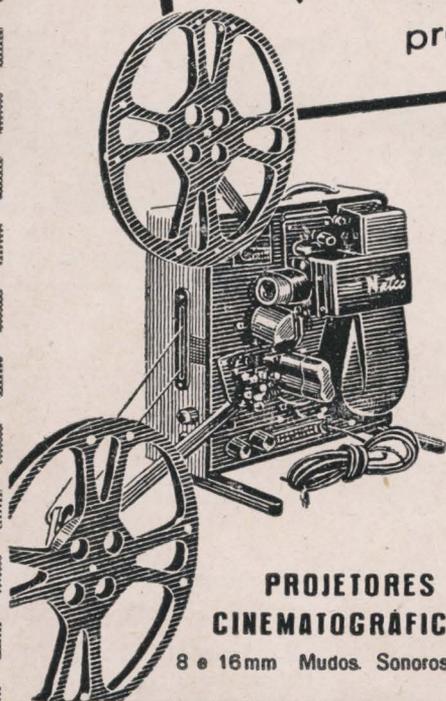
AMADOR ou PROFISSIONAL

de CINE-FOTO

no

CIPAN

V encontrará o que
procura!



PROJETORES
CINEMATOGRAFICOS

8 e 16mm Mudos. Sonoros Fixos.

"A Cipan,
no seu caso,
Vende à vista
e à prazo"



Distribuidores exclusivos

CIPAN

Rua Dom Jose de Barros, 238
Telefone 36-6913 - São Paulo



Diretor Responsável:

Dr. Eduardo Salvatore

Diretor de Redação

Dr. Jacob Polacow

Diretor Comercial:

N. Kojranski

Colaboradores:

Aldo A. de Souza Lima

Antonio S. Victor

Correspondentes no
Estrangeiro:

Alejandro C. Del Conte,

Buenos Aires, Argentina

Marius Guillard

Lion, França

Domenico C. Di Vietri

Roma, Itália

Ray Miess

Wisconsin, Estados Unidos

Geraldo de Barros

Paris, França

Redação e Administração:

R. São Bento, 357 - 1.º and.

São Paulo — Brasil

NOSSA CAPA

"SINAL DOS TEMPOS"

Foto de

IVO FERREIRA DA SILVA

SUMÁRIO

	Pg.
A NOTA DO MÊS	5
O FOTÓGRAFO E AS CENAS DE GÊNERO ANTONIO S. VICTOR	6
INTERPRETAÇÃO	12
ALDO A. SOUZA LIMA	
Xº SALÃO INTERNACIONAL DE S. PAULO	16
A FOTOGRAFIA DO INVISÍVEL	21
JACQUES LOCARD	
SOMBRAS (o tema de junho)	24
REFORÇANDO OS PONTOS DOS II (III)	26
JOSE OITICICA Fº.	
O F. C. BANDEIRANTE NOS SALÕES DE 1950	30
EXCURSÃO A MORRO GRANDE	31



ATIVIDADES FOTOGRÁFICAS NO PAÍS — O BANDEIRANTE NO EXTERIOR — ATIVIDADES SOCIAIS — CONCURSOS — SALÕES — VÁRIAS.



Exemplar avulso em todo o Brasil Cr.\$ 5,00
Assinatura anual: Cr.\$ 50,00 - Sob registro Cr.\$ 60,00
Para o exterior Cr.\$ 100,00

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DO
F. C. BANDEIRANTE

O FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE, receberá com prazer a visita de todo e qualquer aficionado da arte fotográfica, assim como responderá pelos seus Departamentos, a qualquer consulta que lhe for dirigida quanto às suas atividades ou sobre a prática de fotografia e cinematografia amadorista. Outrossim, recebe, sem compromisso, colaboração para o seu Boletim sendo que as opiniões expendidas em artigos assinados, correrão sempre por conta de seus autores.

Toda correspondência deve ser dirigida para a sede social do FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE — Rua Avanhandava, 316, S. Paulo, Brasil.



SALA DE ESTAR



SALA DE EXPOSIÇÕES



STUDIO

FOTO-CINE CLUBE BANDEIRANTE

DECLARADO DE UTILIDADE PÚBLICA PELA LEI N.º 839 DE 14-11-1950

ALGUMAS DAS VANTAGENS QUE OFERECE:

Orientação artística e técnica mediante palestras, seminários, exposições, demonstrações e convívio com os mais destacados artistas-fotógrafos.



Laboratório e Studio para aprendizagem e aperfeiçoamento.



Sala de leitura e biblioteca especializada.



Excursões e concursos mensais entre os sócios.



Participação nos salões e concursos nacionais e estrangeiros.



Intercâmbio constante com as sociedades congêneres de todo o mundo.

DEPARTAMENTOS:

- Fotográfico
- Cinematográfico
- Secção Feminina.



	Cr.\$
Joia de admissão	50,00
Mensalidade	20,00
Taxa extra mensal pró-sede própria	10,00
Anuidade (recebida somente nos meses de janeiro a março de cada ano ...)	320,00



Os sócios do interior e outros Estados e da Secção Feminina gozam do desconto de 50%.



SÊDE SOCIAL (Edifício Próprio): RUA AVANHANDAVA N.º 316

FONE: 32-0937 — S. PAULO, BRASIL



A Mata do Mês

Comemorou o Foto-cine Clube Bandeirante, no dia 29 deste mês, o 12º aniversário de sua fundação. Como nos anos anteriores, não faltou a sessão solene na Sede, com a honrosa presença de altas autoridades civis e militares, nem o festivo almoço campestre de confraternização e muita alegria.

Afinal, doze anos, para uma instituição que se propôs divulgar a Arte Fotográfica, não é muito, nem é pouco. Tudo depende do ângulo em que nos colocamos. Ou, neste caso, tudo depende do programa que se tem em mira.

Si nos ativermos à questão numérica, concluiremos ser o nosso Bandeirante ainda muito jovem, mas si atentarmos para a coluna dos empreendimentos, não poderemos negar-lhe as credenciais de veterano.

A Ecologia nos ensina da inter-ação dos múltiplos fatores no crescimento de um ser vivo. Os seus preceitos se ajustam, "mutatis-mutandis", à vida de uma entidade cultural e artística. Assim, um Clube Fotográfico tem o seu desenvolvimento condicionado a dois fatores predominantes — de um lado, a maior ou menor dóse de idealismo, discernimento, conhecimento de causa e desprendimento dos seus dirigentes e de outro, o clima mais ou menos propício ou seja, a receptividade do público. A interação desses dois fatores é inevitável e incontornável.

Portanto, si nesses doze anos de atividade o Bandeirante conquistou e desfruta o prestígio de uma entidade considerada de "utilidade pública", o renome internacional como agrupamento artístico de escól, a situação próspera, com sede própria e equipamento moderno, deve-o em parte aos seus idealizadores e aos diretores de sucessivos mandatos, mas deve-o também e insofismavelmente à esplendida acolhida e receptividade dos brasileiros de Norte a Sul, para todas as iniciativas culturais e artísticas de real mérito.

E, si os primeiros merecem a nossa admiração, justo é reconhecermos o tributo de gratidão de que se fez credor o povo de Piratininga e dos demais Estados da Federação, desde os seus dirigentes supremos até o público anônimo que encoraja, incentiva e coopera no pujante e ininterrupto desenvolvimento do Foto-cine Clube Bandeirante.

A compreensão e a cooperação da gente do nosso país é que permitiu o crescimento amazônico da mudinha plantada há doze anos, impedindo se esturricasse na caatinga sáfara do desdém e do desinteresse.

A êsse povo que faz poesia e constrói arranha-céus, que desbrava sertões e faz música, que sonha e ao mesmo tempo forja a grandeza do Brasil — as nossas congratulações pela passagem do 12º aniversário do nosso e do seu Foto-cine Clube Bandeirante.

O Fotógrafo e as

Cenas de Gênero

Texto e ilustrações de

Antonio S. VICTOR - F. C. B.

Há alguns anos, no calendário dos concursos internos, figurou um tema deveras interessante e que permitiu a apresentação de trabalhos sumamente valiosos: CENAS DE GÊNERO.

Quando se processaram as inscrições e, posteriormente o julgamento, tivemos ensejo de observar como foi o tema resolvido pelos inscritos. Alguns preferiram colher flagrantes de crianças; outros, lançaram mão de cenas esportivas; também tivemos o registro de cenas de rua, porém em menor escala e em nível de expressão bem mais modesto.

No entanto, quem como nós vive numa cidade como S. Paulo, onde em cada instante um olho experimentado "descobre" quadros notáveis, não poderia deixar de sentir um certo desapontamento, pela reduzida soma de fotografias colhidas nesta imensa metrópole, em seus ambientes típicos ou de suas figuras também peculiares.

Isto, nos levou a tentar o gênero. Naturalmente, estávamos curiosos por saber quais os motivos desse desinteresse — si é que podemos chamar desinteresse ao menor volume de obras de cenas de rua — ou das dificuldades

para a realização de uma bôa fotografia de gênero.

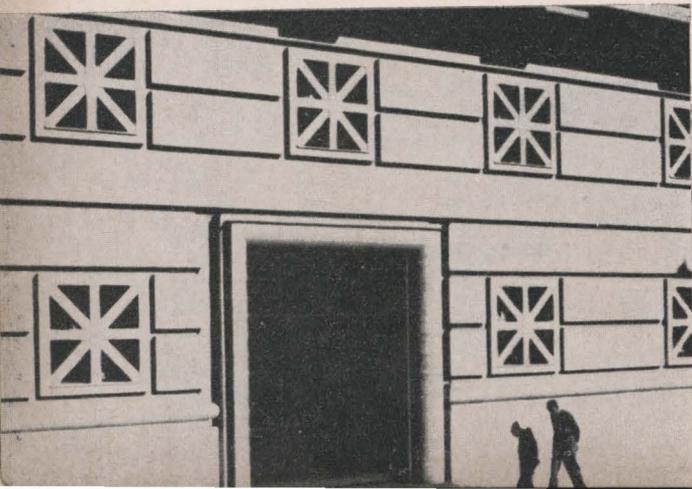
Por várias vezes estivemos percorrendo estas movimentadas praças e ruas e nos permitimos agora, registrar algumas observações que talvez possam ser proveitosas aos que também têm a mesma inclinação ou predileção.

Aprendemos, antes de mais nada, a não ligar a menor parcela de atenção aos "incansáveis curiosos" que sempre se apresentam, quando vêm um indivíduo abrir um câmara fotográfica e logo entram com o seu "palpite" — não é preciso dizer que infeliz — : — Moço, "mi" tira um retrato?

Quem se aventura ao registro de cenas de rua, deve ser bastante **desembaraçado** para não ligar à curiosidade dos que passam, aos "basbaques" que logo se aproximam, aos "técnicos" de calçada e outras preciosidades desse mesmo quilate. O trabalho do fotógrafo deve ser realizado com inteira independência, sem ligar a menor importância aos circunstantes e dando mesmo um ar de quem não quer saber de nada, com quem quer que seja. Si o amador começa a porejar, enrubecer,

ou demonstrar qualquer vestígio de encabulamento, então está perdida, de início, a qualidade artística da sua cena de gênero.

Si ocorre esse descontrolo emocional, como poderá o fotógrafo observar a beleza de sua enquadração, a ra-



"PENSANDO NA VIDA"



“O AMOLADOR”

pidês de seu disparador, o seu diafragma, os planos, seu ângulo de tomada?

Evidentemente, tudo irá sair ao “Deus dará” e nós já sabemos onde vão ter os negativos de cenas desta forma colhidas...

Portanto, trabalhe com amplo domínio de si e dos “curiosos”. Faça a sua fotografia como se estivesse em seu “stúdio”, ou no quintal de sua residência. Enquadre, diafragme, componha, e pronto.

Porém, argumentará o leitor, uma cena de gênero não espera pelo fotógrafo e ele deve ser rápido na execução da tomada.

Perfeito. Daí, pois, a razão de ser necessária essa liberdade de ação. Quando já estamos com a idéia de realizar uma série de cenas de gênero, nosso aparelho já estará preparado com o diafragma adequado e também com a velocidade mais aconselhável para estes casos e que nós preferimos sempre marcar em 100, com f/11. Sentir a cena que se arma, preparar o

aparelho e registrar, não requer sinão alguns segundos — segundos preciosíssimos — para colhermos toda a espontaneidade e autenticidade de uma bela imagem.

Em nosso arquivo, por exemplo, encontramos vários trabalhos assim obtidos e que nos permitimos esclarecer como foram efetuados.

“PENSANDO NA VIDA”, oferece para quem o aprecia, oportunidade de constatar a expressão bastante significativa de um ancião, sobrecarregado pelos anos e talvez pelos encargos, quasi que liliputiano, diante da grandeza da massa arquitetônica que o ambienta. Nesse dia, estávamos percorrendo a cidade e, quando nos dirigíamos para a praça das Bandeiras, vimos ao longe aquela figura que subia cansadamente a ladeira. Imediatamente, procuramos encontrar um complemento para a cena que já imaginávamos e escolhemos então aquela parede, com os seus simétricos desenhos. O personagem nem sequer deu pela nossa presença no outro lado da rua e quando a composição nos pareceu boa, registramos o negativo.

Constitue esse trabalho uma típica fotografia de gênero, onde entraram a imaginação, a observação e a colaboração natural do figurante.

“O AMOLADOR”, já tem outra história. Aí a imaginação entrou em primeiro lugar. Do nosso quarto, ao abriremos a janela pela manhã, vimos passar as crianças e transeuntes, marcando suas figuras com longas e bonitas sombras na calçada. Nosso primeiro desejo foi logo tomar o aparelho e fotografar. No entanto, pareceu-nos muito mais interessante aproveitar aquelas luzes, para uma cena onde a figura tivesse alguma particularidade, suficiente para aumentar a qualidade artística da mesma. Nosso trabalho matinal passou a ser o exame dos transeuntes que se utilizavam daquela via. Nosso aparelho já estava permanentemente preparado, com a metragem fixada — 8 metros — diafragma 16, sem filtro, velocidade 100. A espera foi de alguns dias. Quando surgiu a figura típica do amolador, pareceu-nos ver o trabalho já ampliado, à medida que ele se aproximava. Foi uma satisfação tremenda...

“O NEGÓCIO”, nós colhemos bem no coração da cidade. Estávamos aguardando companheiros para um passeio domingueiro, quando vimos o pequeno grupo, enfrornado em algum assunto muito importante. Colocamos num ponto estratégico, compuzemos a cena e a registramos.

Nestes três quadros, tanto tivemos o trabalho de visão, como também o de concepção. O primeiro e o terceiro, colhidos na rua, exigiram tão somente a nossa ação rápida — ver, sentir e realizar — com a observância dos princípios estéticos que determinam a boa composição, procurando interpretar com algum interesse e tentando transmitir alguma emoção. Cabe ao leitor dizer si isso nós conseguimos.

Passando, agora, para outro fator importante na tomada das cenas de gênero, devemos considerar a CAPACIDADE DE OBSERVAÇÃO.

Quando alguém aprecia estas cenas corriqueiras, do jornaleiro conversando com o freguês, do verdureiro oferecendo suas hortaliças, do padeiro às voltas com a velhinha desdentada que não quer pão muito torrado..., do peixeiro e o seu infalível séquito de gatos esfaimados, não pôde imaginar estar vendo ali um riquíssimo material fotográfico, expressivo sob qualquer prisma, real e humano. O fotógrafo atilado, com sua visão educada,

quando não está com sua câmara, no seu caminho diário, do lar para o escritório, vai gravando tudo isso em sua mente e, no primeiro dia de sol, tudo passa para o seu negativo.

Si alguém pensa que isso é fácil, está enganado. Quem toma cenas de gênero no movimento das ruas centrais, tem um grande fator a seu favor que é o desconhecimento da presença da máquina, por parte dos personagens que irá fotografar. Todavia, numa ruazinha de bairro, a ação tem de ser camuflada e o autor possuir grande dose de presença de espírito, para qualquer eventual reclamação... Uma forma que quasi sempre resolve é o não ligar. Tirar a fotografia e ir saindo com a cara mais lambida deste mundo...

No entanto, não está só no mecanismo da tomada o fator de êxito nestes quadros da vida diária. É preciso procurar “criar”, pela imaginação, uma forma de transmitir aos outros algum sentimento, quer seja êle de recordação, quer seja êle de ironia. Como portanto, chegar à esse resultado? Analisando naqueles “modelos”, nas quotidianas passagens ao seu lado, os detalhes fisionômicos, o traje, o tipo humano, etc.. Sempre poderemos encontrar um elemento interessante e utilizá-lo por ocasião da tomada, colocando-o como ponto de atração no conjunto. Evidentemente, isso tudo depende da capacidade creadora da imaginação do artista. Quanto mais virtuosa ela for, maiores as qualidades da sua fotografia. Si não existir, portanto, uma atilada observação, todos esses pequeninos, porém importantíssimos detalhes passarão despercebidos e a fotografia jamais será obtida.

No entanto, nem sempre a sorte nos auxilia. Estamos lembrados de um preto velho, envergando um quepi militar (talvez da guerra do Paraguai), com uma barbicha esbranquiçada e que

“O NEGOCIO”

"A CURIOSA"



vendia jornais num canto de esquina. No primeiro dia que o vimos, logo saboreamos a cena e tratamos de trazer nossa máquina preparada nas vezes subsequentes. Infelizmente, a luz não nos auxiliava e, para o gênero, tínhamos necessidade de uma iluminação bem forte. Pois bem. Na manhã que o sol se apresentou, o velhinho não estava mais no seu costumeiro posto e nunca mais o vimos.

Nossa paciência não havia sido recompensada como no caso do "O Amolador". No entanto, quem apreciava as cenas de gênero, deve contar com esses imprevistos.

Falemos, agora, da IMAGINAÇÃO.

Não é impossível para o fotógrafo, "sonhar" com a realização de uma bonita cena de gênero, guardando toda a beleza e espontaneidade que são essenciais num trabalho dessa natureza. Quando imaginamos a criação de um quadro, contando com a participação do elemento humano, diante de um ambiente por nós conhecido e que só se ressentia do fator dinamismo, de início, já estamos com o problema de composição inteiramente solucionado e só nos falta a participação do modelo. Si o nosso desejo é a obtenção de uma cena de gênero, sem qualquer vislumbre de "preparação", apresentando-a com aquele sabor de veracidade, devemos fazer o modelo trabalhar na-

turalmente, sem dar a conhecer o nosso intuito de utilizá-lo para uma fotografia.

Assim agimos quando realizamos "A CURIOSA". A fotografia foi tomada da janela do nosso escritório, para a face fronteira do outro corpo do edifício. Há algum tempo vínhamos observando o jogo de luzes formado nas cortinas das janelas e tínhamos contra nós o fato de nunca estarem todas elas corridas, o que viria quebrar o padrão que estávamos visando. Quando ocorreu a situação imaginada, pedimos à uma das colegas para chegar à uma determinada janela, dizendo-lhe para ver o que estava ocorrendo na área interna e que não podíamos observar bem do nosso lado. A mentira pegou e o modelo, "curiosamente", foi espiar o que se passava. O resultado aí está.

Uma outra obra deveras valiosa e de qual fomos testemunha, é a de autoria de Angelo F. Nuti, intitulada "PARALELAS". Esta fotografia foi obtida em Paranapiacaba, no pátio de manobras do Alto da Serra. Quando ali chegamos, ao atravessarmos o pontilhão lá existente, o pátio se encontrava repleto de vagões de toda espécie. Nosso companheiro então nos disse: — Si não houvesse tantos carros, poderia obter uma bonita composição, jogando somente com os trilhos e utilizando uma figura humana, como ponto de atração.

Depois de termos examinado as redondezas, voltamos para o pontilhão e ali nos colocamos, a admirar a atividade dos manobreadores. À medida que os minutos se escoavam, ia diminuindo o número de vagões e, ao cabo de quasi duas horas de paciente espera, lá estava o bonito conjunto de linhas brilhantes e paralelas, somente faltando o elemento humano imaginado pelo Nuti. Ele não tardou e, quando apareceu, parecia estar sendo guiado por fluidos magnéticos para a **exata** posição composicional idealizada.

Parecem-nos pois, absolutamente essenciais, todos estes elementos que analisamos, para a obtenção de uma boa cena de gênero. Desembaraço, observação e imaginação, quasi sempre estão presentes na maior parte de obras dessa classificação e nem sempre é viável salientar qual deles o mais importante. Em nosso entender, todos eles se equivalem.

De fato, quando podemos imaginar uma cena de gênero e de um momento para outro ela se nos apresenta, si não agirmos prontamente, tudo estará

perdido. Por outro lado, si temos bastante traquejo no manuseio do aparelho, porém não somos capazes de observar e “enxergar” a cena, enquanto ela se desenrola, também nada feito. Si somos espertos e observamos com agudez, não tendo contudo, forma de “crear” o interesse verídico, pelo trabalho da imaginação, mais uma vez iremos fracassar.

Assim, constituem a essência para a fotografia de gênero, o entrosamento perfeito daquelas qualidades, as quais se integram e se completam, proporcionando ao artista todos os recursos para a manipulação da matéria prima, cuja interpretação tem de ser imediata, considerando-se a grande mutabilidade que ela oferece.

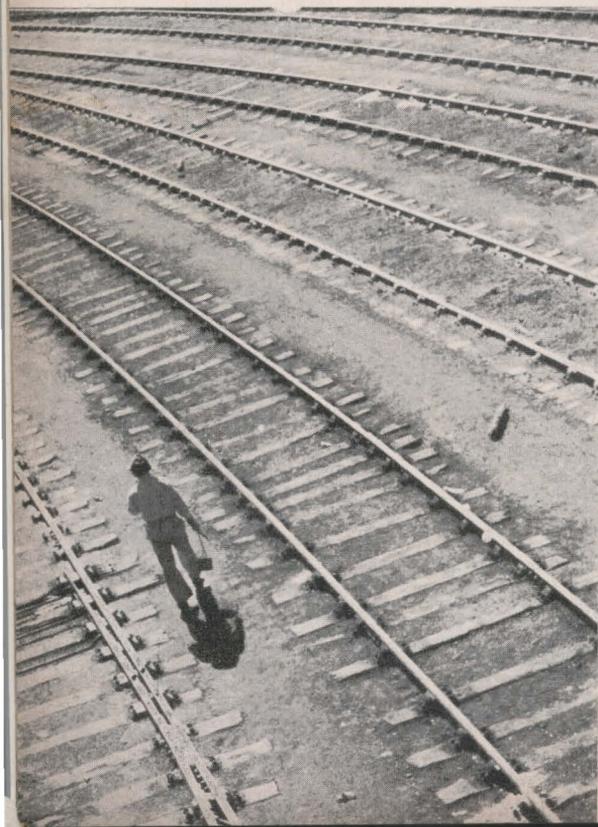
Dentro deste setor, encontram os amantes da fotografia um esplêndido campo de experiência e ensinamento, porquanto irá exigir sempre uma grande dose de atenção e além do mais, a penetração mais cuidadosa do assunto, para poder ser interpretado com precisão e mostrar, sem artifícios, aquilo que a realidade lhe proporcionou.

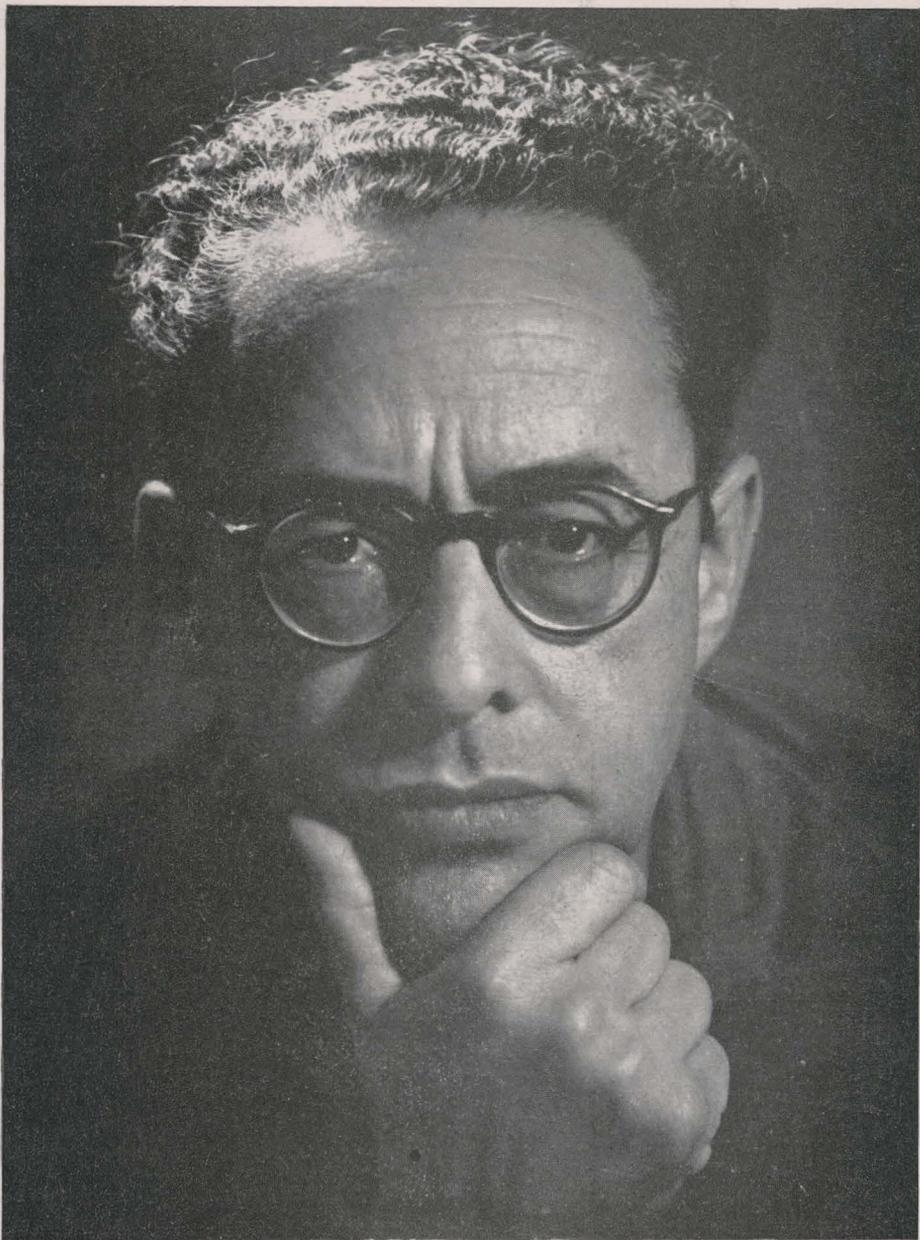
Não nos parece existir melhor processo para aperfeiçoamento do “olho fotográfico”. Quem não é capaz de “sentir” a fotografia de gênero, evidentemente será um intérprete um tanto artificial em qualquer outro ramo que se apresente. Suas composições denotarão uma preparação demasiadamente “evidente”; seus retratos serão bastante formais; seus flagrantes pecarão pela falta de realismo. Tudo isto porque? Por que lhe faltará o exato senso de observação, que irá dosar e equilibrar, aquilo que sua imaginação concebeu, garantindo-lhe uma interpretação natural, espontânea.

Não pensam assim os leitores?

“PARALELAS”

Angelo F. Nuti





"MAESTRO SOUZA LIMA"

Aldo A. Souza Lima

(Do Concurso Interno de Março)

Interpretação

Aldo A. de SOUZA LIMA — F. C. B.

Antes de iniciar este comentário, para o nosso querido Boletim, desejo esclarecer que longe de nós se acha a intenção de penetrar nos meandros filológicos, e psicológicos, a que o título parece pertencer. Realmente, escrever sobre interpretação, em toda a sua plenitude, valeria por um compêndio de

Estética e, para tanto, nos falta "engenho e arte".

Não. Nossa verdadeira razão, ou melhor, nossas verdadeiras razões são de duas espécies: o egoísmo que de nós exige a satisfação do prande prazer de aumentar nossa ligação com esta gente bôa que vê o mundo mais belo (através de uma lente tudo é bonito, não é?) e, neste caso, apresentar o primeiro trabalho de equipe produzido em nosso Clube, com o fito especial de colaborar nestas páginas.

Em linhas gerais Interpretar é traduzir, é julgar da intenção, é avaliar o sentido, é reproduzir o pensamento (Cândido de Figueiredo). Conforme se nota, tal definição, em sua perfeição filológica, se refere ao ato psíquico do sujeito ante alguma coisa que lhe é dado observar. Sim; traduzir, julgar ou avaliar, se prende a algo exterior sob o que exercemos estas operações

Foto por

Eduardo Salvatore

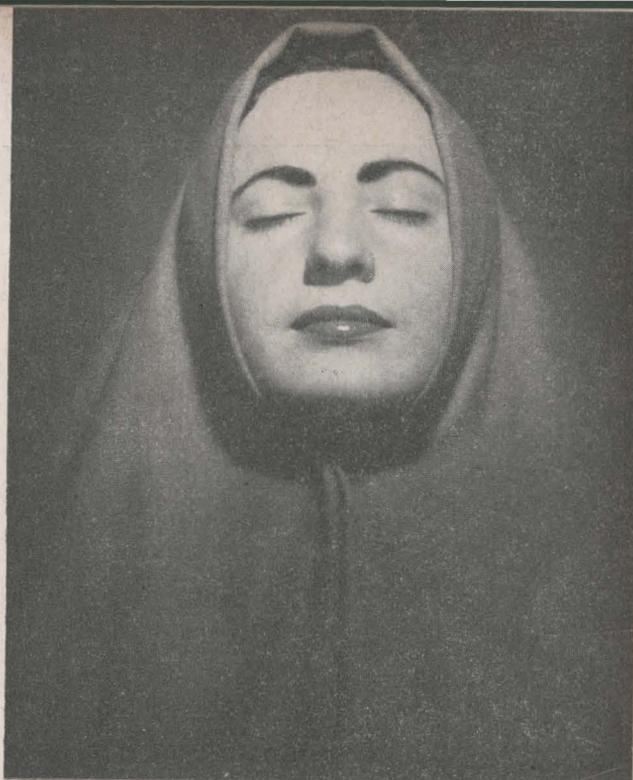


Foto por

Francisco Albuquerque

psíquico-subjetivas. É o aspecto apreciativo da questão. A relação entre a obra e o observador. Em nosso caso, entre o trabalho e o público julgador.

Mas, existe, nos trabalhos de arte, um outro aspecto. A relação entre a idéia e o autor. Ante o estímulo provocado pelo objeto a psique do autor reage, segundo seus conceitos individuais, seu sentimentalismo, sua personalidade e, nestas condições, ele traduz, na obra de arte, a sua visão interior. Sob este aspecto não podemos considerar escalas quantitativas. Somente a auto-crítica poderá julgar se o trabalho realizou ou não a sua finalidade. Nós, os terceiros, o público enfim, iremos dar nossa segunda interpretação, tendo como bases o trabalho e o nosso individualismo. Auferimos daí a enorme tarefa de julgar e todas as suas possibilidades de atrito com o autor, pela inclusão de um fator estranho ao processo creativo. E qual a maneira de minorar estas possíveis desavenças? Obviamente pela indicação da trilha seguida pela mente do autor, isto é, por um título sugestivo. Este indicará, ao terceiro, o ponto inicial do processo subjetivo, permitindo segui-lo até seu final se, realmente, foi obtida, pelo autor, a sua finalidade. Pro-



duzir-se-á a identificação entre autor e público deixando de existir o elemento estranho e perturbador.

Mas, poderiam objetar, o título é, portanto, imprescindível? Não, de maneira nenhuma. Quando o trabalho se apresenta sob o aspecto universal, sem a inclusão de conceitos exclusivos do autor, o título é perfeitamente dispensável. Caberá portanto ao próprio artista (e ele melhor que ninguém) determinar se houve ou não a inclusão, no seu trabalho, de seu individualismo. Note-se que falei de títulos sugestivos e não dos lugares comuns ou de locuções demagógicas que, por vezes, são introduzidas a guisa dos mesmos e que tendem, sobremaneira, a diminuir, senão a anular, o trabalho que pretendem valorizar.



Foto por

Manoel Morales F^o.

artístico da Fotografia. Em sua absoluta independência, e através dos difamados maquinários e lentes, aí estão trabalhos totalmente diversos, com interpretações exclusivamente pessoais, que provam a perfeita adequação do meio ao conceito atual da criação de arte. Cada autor exprimiu seu sentimento, seu psiquismo e sua personalidade

Preso ao conceito puramente artístico da interpretação realizamos, segundo já foi dito, um trabalho de equipe em nosso Estúdio. Por objeto tomou-se a figura humana por ser, talvez, o elemento mais variável sob o ponto de vista interpretativo. Uma gentil senhorita de nosso âmbito social sacrificou-se a sanha artística de Salvatore, Albuquerque, Morales e deste seu amigo, posando por cêrca de três horas. Sem qualquer interferência ou combinação prévia, cada um de nós fez seus trabalhos isoladamente, escolheu o que julgou melhor e aí estão como fundamento deste artigo demonstrando, cabalmente, o cunho extritamente

no mesmo local, com o mesmo objeto, idênticos elementos e, praticamente, à mesma hora.

Queremos, antes de apresentar os vários trabalhos, acentuar a absoluta ausência de combinações prévias, o completo desconhecimento do trabalho realizado pelos demais autores e, sobretudo, a inexistência de qualquer espírito de competição.

Eduardo Salvatore (Fig. 1) sentiu em nossa modelo uma figura patética de mulher triste, a quem o destino reservou mais um golpe: a felicidade que não veio. E ela espera com o eterno companheiro que também se evola e se extingue, como se evolam e se

extinguem as ilusões — o cigarro. O ambiente é negro como a tristeza de sua alma dorida. O lugar ao lado que deveria conter sua última esperança, talvez, se extingue, se perde no nada, pois além daquele lugar vazio mais nada poderá existir. É o drama.

Na fig. 2 temos o trabalho de Albuquerque.

Sua concepção transforma nosso modelo numa figura em místico êxtase. A composição simétrica, a iluminação frontal finamente graduada, a perfeição dos toques de altas luzes e o ângulo baixo de tomada, permitiram a perfeita obtenção da difícil interpretação do autor. Sentimos nesta concepção toda a ardência apaixonada daquela que transferiu seus anseios para os Céus esquecendo os homens a quem temeu ou não lhe foi dado amar. Algo nesta expressão mística e sensual lembra-me o "Cântico dos Cânticos", que é de Salomão. "Beije-me ele com os beijos da sua boca; porque melhor é o seu amor do que o vinho".

Morales (fig. 3), apresenta a figura cansada de uma mulher que revoltou-

se contra tudo e contra todos e... foi vencida. Hoje ela olha o mundo e a humanidade sentindo toda sua iniquidade e mesquinhez. Seu olhar é baço, sua boca tem um rítus de amargura. Sofreu e enquistou-se vivendo hoje pela insana volúpia de vingar-se, infringindo a dôr, e o sofrimento, àquelles que não quiseram compreendê-la.

Na figura 4 está minha contribuição. Nesta interpretação procurei traduzir simplesmente a graça e o encanto de uma jovem, quasi menina, que ainda olha o mundo com interêsse e esperança. Acredita no príncipe encantado e faz castelos no ar. É moça, é bela, é mulher e nada mais.



Foto por

Aldo A. Souza Lima

X.º Salão Internacional de Arte Fotográfica de São Paulo

Encerramento das inscrições a 15 de julho — Medalhas comemorativas.

Fóra de dúvida, é a arte fotográfica, hoje em dia, a mais popular das artes. Não vamos aqui cogitar das razões disso, nem dos problemas que tal popularidade suscita sob o ponto de vista artístico.

Queremos apenas fazer notar que em consequência mesmo dessa grande popularidade, aumentam de ano para ano, em todo o mundo, os salões e exposições a ela dedicados.

Não obstante tão grande número de salões — e são uma infinidade — relativamente poucos são os que possuem sólido prestígio e renome internacional, e como tais considerados pela crítica especializada.

Dentre estes, situa-se como um dos mais prestigiosos, o Salão anualmente promovido pelo F. C. Bandeirante, considerado unânimemente como o mais importante da América do Sul. É que, dedicado á Arte Fotográfica, no seu sentido mais elevado, não busca ele a popularidade fácil através de concessões de ordem artística, que embora possam ser muito agradáveis aos concorrentes, viriam entretanto traçar uma orientação errônea sobre o que seja realmente a fotografia artística e longe de elevá-la viriam diminuí-la com a exposição de trabalhos carentes de real valor.

Arte, em qualquer de suas modalidades, envolve entre outros fatores, criação, concepção, interpretação e isto mais se acentua quando se trata da fotografia, cujos meios de execução, por estarem ao alcance de qualquer um, prestam-se facilmente ao desvirtuamento ou a um méro artesanato que, embora levado á perfeição, não deixa de ser simples copia, ou representação. E aí está a razão porque a arte fotográfica é muito mais difficil do que geralmente se pensa.

O alto nível artístico do Salão bandeirante, mercê de rigorosa seleção, tem sido sua melhor recomendação e o fator maior do seu prestígio e renome, atraindo, todos os anos, os nomes mais afamados da fotografia artística.

Em setembro próximo teremos, na Galeria Prestes Maia, o Xº Salão In-

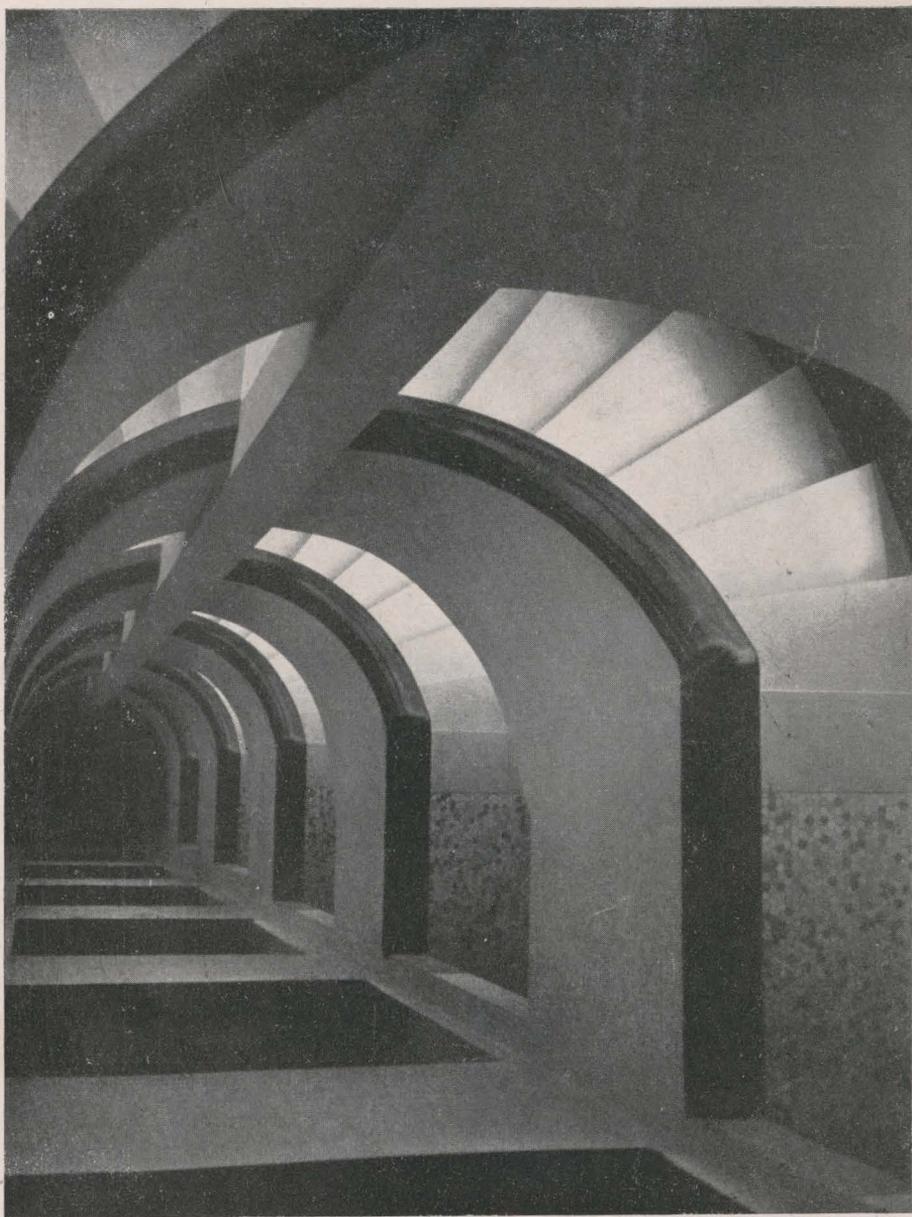
ternacional de Arte Fotográfica e tudo faz crer que o mesmo obterá êxito sem precedentes.

Com efeito, ainda ha mais de dois meses do encerramento das inscrições, — o que se dará a 15 de julho próximo — a secretaria do F. C. Bandeirante já recebeu, entretanto, as inscrições individuais de mais de uma centena de renomados autores de todas as partes do mundo. Dentre eles, é interessante assinalar a participação de componentes de famosos grupos de "fotografia de "avant-garde", com o "Fotoform" da Alemanha, "Bussola" da Italia, "Grupo dos XV" de Paris, etc., os quais geralmente se abstêm de concorrer a salões dado o "conservadorismo" que em muitos deles se nota. Este fato, sobremodo lisongeiro, vem mais uma vez confirmar o elevado conceito em que é tido o Salão de S. Paulo, cuja evolução em fotografia artística tem despertado a admiração de todos.

Além disso, é certa a participação das mais importantes entidades congêneres de todo o mundo, enquanto os aficionados brasileiros, por sua vez, estão se preparando cuidadosamente para, mais uma vez, figurarem em plano destacado, confirmando os conceitos altamente elogiosos que têm obtido nas exposições estrangeiras.

Comemorando a décima realização consecutiva do Salão de S. Paulo, a Diretoria do F. C. Bandeirante mandou cunhar medalhas especiais que serão ofertadas a todos os expositores do Xº Salão, em ambas as suas secções: a) fotografia em branco e preto e b) fotografia em cores.

No último Boletim já demos, resumidamente, as bases do Salão, as quais, aliás, obedecem ás recomendações da F. I. A. P. e da P. S. A.. Os interessados poderão obtê-las com os boletins de inscrição nas principais casas de fotografia da cidade ou solicitá-las, bem como quaisquer outros esclarecimentos, á Secretaria do F. C. Bandeirante — R. Avanhandava 316, São Paulo, Brasil.



"ESCAPE"

Nair G. Steranyi

(Do Concurso Interno de Março)

(Do Concurso Interno de Março)



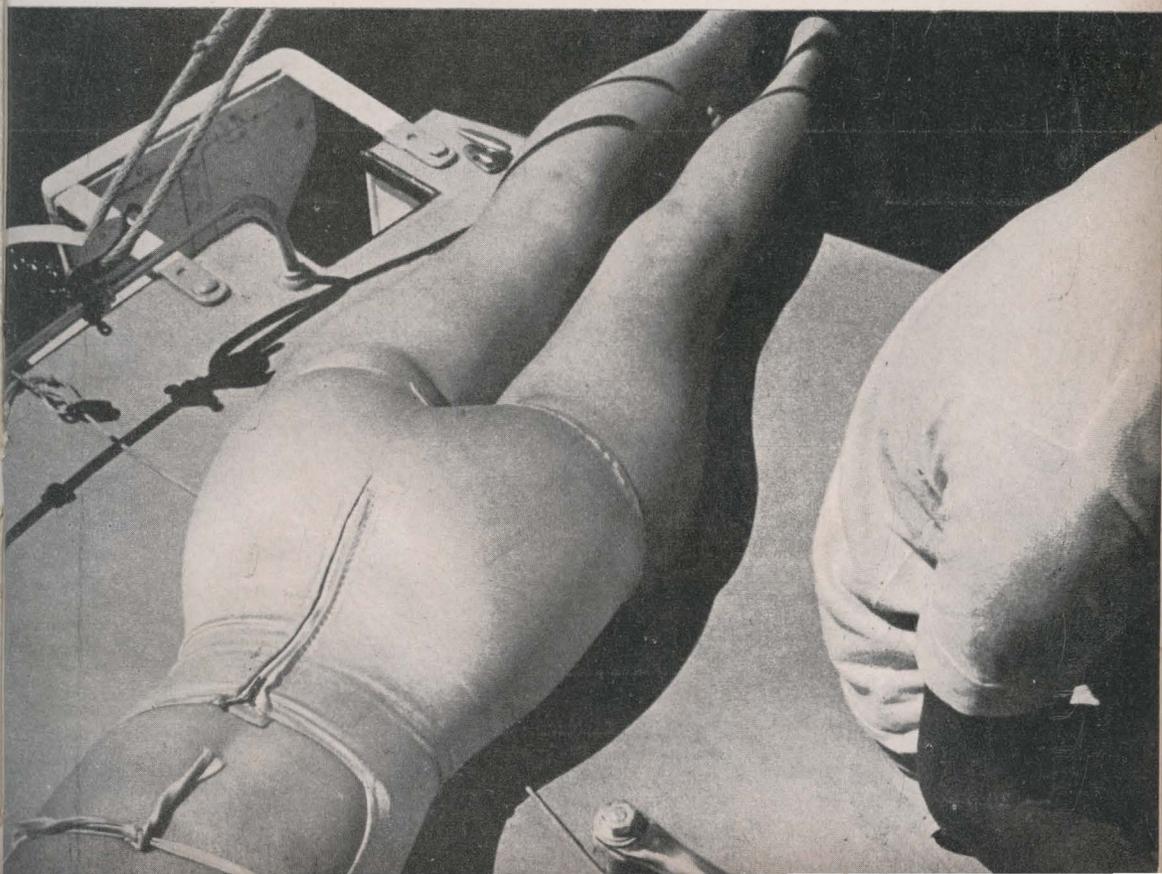
"S. PAULO AO AMANHECER"

W. Oenlohe-Oheringem

(Do Concurso Interno de Março)

"INDIFERENÇA"

A. Moraes Barros





"FLOR BRANCA"

Sadayoshi Tamura

(Do Concurso Interno de Março)

A Fotografia do Invisível

JACQUES LOCARD

Doutor em ciências da Universidade de Lyon — Professor da Escola Nacional de Polícia.

Transcrito de *Art Photographie* - órgão do Cercle d'Art Photographique de Lyon, França.

Geralmente a fotografia tem sido definida como a arte de fixar as imagens. Na realidade, ela permite mais do que isso, pois está demonstrado que a chapa fotográfica "vê" melhor do que a retina dos olhos. A fotografia apresenta, portanto, para o policial, não apenas u'a maneira de fixação das imagens mas, também um meio de investigação particular que lhe permite fazer aparecer elementos que não poderiam ser percebidos por qualquer outro processo.

Os métodos de recuperação fotográfica são, de resto, quasi tão antigos como a própria fotografia e datam da metade do século passado. A origem é devida a um fato bastante curioso relatado pelo químico alemão Vogel:

Um fotógrafo retratista recebeu, um dia, a visita de um cliente desejoso de ser fotografado. O artista tira um primeiro cliché que vai logo revelar para ver se resultou bem. Ele constata que a imagem saiu boa, mas que o rosto saiu constelado com uma série de manchas quando o modelo tinha uma pele perfeitamente regular. Ele julga, portanto, que a chapa era de má qualidade, desculpa-se, e tira uma nova chapa. Ao revelar, tem a surpresa de constatar os mesmos defeitos da chapa anterior. Um terceiro e quarto ensaios não produzem melhores resultados. O homem renuncia á luta e declara que corrigirá esses defeitos por meio de retoques apropriados.

Alguns dias mais tarde, quando levou o resultado de seu trabalho ao cliente, verificou que este fôra acometido pela varíola. Seu rosto estava pontilhado de pustulas e haviam sido estas últimas que, invisíveis ao olho humano alguns dias antes, tinham sido porém registradas pela chapa fotográfica.

Tal observação, publicada num jornal científico da época fez sensação e especialistas da fotografia se esforçaram em realizar esse fenômeno de uma maneira sistemática, obtendo a fotografia do invisível. Foi assim que, depois de 1839, o sábio Arago pôde perceber, graças a uma daguerreotipia, certos detalhes até então invisíveis sobre a superfície da lua. Mais tarde os astrônomos Loévy e Parizot descobriram novas estrelas graças a fotografias do céu.

Em 1849 o arqueólogo Barão Gros fez aparecer, por meio da fotografia, frases até então ilegíveis em manuscritos antigos.

Atualmente, utiliza-se para a recuperação fotográfica um método devido ao químico alemão Dennstedt, que é o seguinte:

a) o documento a ser examinado é fotografado com uma chapa lenta e de forte contraste. Se não ha nenhum traço de texto visível, utilizamos para a focalização de um texto, por exemplo, uma pata de mosca colocada sobre o documento. Se as dimensões do documento não são muito grandes, convem reproduzi-lo ampliado por exemplo, de quatro vezes.

b) a chapa é revelada em revelador de Hydroquinona-potassa cáustica.

c) aumenta-se o contraste debilitando a chapa num banho de ferrocianuro de potássio.

d) aumenta-se novamente o contraste reforçando-a com bicloreto de mercúrio.

e) por meio do negativo assim obtido, tira-se um diapositivo por contacto directo com outra chapa. Uma exposição de alguns segundos é suficiente, pois os filmes são bem mais sensíveis que os papeis.

f) o diapositivo é revelado no mes-

mo revelador precedente, depois enfracuecido e reforçado, assim como se fêz para o negativo.

g) por meio do diapositivo, tira-se, por contacto, um novo negativo, depois uma quarta, depois uma quinta chapa; o contraste torna-se cada vez maior, de maneira que os elementos que não podiam ser discernidos sobre o documento primitivo aparecem cada vez com maior nitidez sobre as sucessivas chapas.

O método de Dennstedt tem o inconveniente de ser demorado mas ele é de uma força ilimitada, de vez que podemos repetir a operação indefinidamente. Ele tem a grande vantagem de não alterar em nada o documento que se pretende examinar. Ele se aplica para a leitura de textos lavados ou raspados, textos escritos com lapis e apagados, "foulages", escritos com tintas simpáticas e descargas.

A descarga é o fenômeno que se produz quando do contacto de um texto em tinta, contra a página vizinha. Se a tinta fôr fresca e a folha de contacto um mataborrão, teremos uma descarga visível, cuja leitura com um espelho não apresentará dificuldade alguma; mas se a tinta estiver seca e a folha vizinha for de papel comum, produz-se pelo contacto prolongado, uma descarga invisível. É esta última que podemos fazer aparecer pelo método de Dennstedt quando o próprio texto tenha desaparecido.

A Fotografia oblíqua

Podemos apanhar pela fotografia certos reflexos colocando o aparelho não com o eixo ótico perpendicular ao documento mas de uma forma oblíqua.

Nestas condições, um dos lados do documento se encontra mais perto do aparelho do que o outro lado de modo que a focalização de todo o documento parece impossível de realizar. Para obter-se isso, deve-se dispor de um aparelho no qual o vidro despolido e o chassis possam girar de maneira a modificar sua posição perpendicular ao eixo ótico para uma posição oblíqua. Será fácil, então, a focalização, o deslocamento sendo menor para a parte do documento mais longínqua e maior para a parte mais próxima.

Como aplicação prática da fotografia oblíqua, podemos citar:

- a) a leitura de papeis carbono de máquina de escrever;
- b) a leitura de tintas simpáticas;
- c) o exame de impressões digitais sem corantes;
- d) o exame de certas assinaturas de quadros;
- e) a determinação de peças de moedas falsas.

A Fotografia com filtro

Sabemos que existem três cores fundamentais: o vermelho, o azul e o amarelo, sendo as demais obtidas por combinações dessas cores.

Denominamos cores complementares duas cores diametralmente opostas, por exemplo o violeta e o amarelo. Quando se observa uma cor através de um filtro da cor complementar, obtém-se o preto. Do ponto de vista fotográfico a cor é, portanto, reforçada. Ao contrário, quando se fotografa uma cor utilizando deante da objetiva um filtro da mesma tonalidade, essa cor é anulada. As aplicações da fotografia com filtros, são numerosas.

Podemos dar os seguintes exemplos:

a) leitura de timbres postais apagados. Alguns indivíduos recuperam os selos descolando-os de envelopes usados; para utilizá-los novamente, fazem desaparecer o mais possível o timbre, por meio de lavagens. Este mister é relativamente comum e a administração dos correios frequentemente faz queixas sobre tal assunto. Trata-se então de demonstrar que o selo apreendido traz uma contravenção postal e que não existe apenas um simples borrão devido, por exemplo, ao contacto de peças numa carteira, como pretende o indivíduo. Ora, os traços do carimbo apagado são quasi indiscerníveis, a não ser que o timbre tenha uma cor carregada, vermelha ou azul por exemplo.

É bastante fazer uma fotografia com um filtro da cor do selo. Isto anula o selo e mantém os traços do carimbo que são negros. Estes últimos aparecem, então, sobre um fundo branco, perfeitamente legíveis.

b) pesquisa de traços de sangue lavado sobre um pano. De um roseo ou amarelo muito pálido são comumente inapercebidos. Basta fotografar com um filtro azul para reforçar consideravelmente a cor.

c) Fotografias de mapas ou desenhos azues sobre azul. Certos documentos ditos "infotografáveis" são constituídos por traços azul-escuro sobre um fundo azul-amarelo claro. Se experimentarmos fotografá-los sem precauções, não obteremos nada sobre a chapa. Com efeito, o azul é mais actínico que o amarelo, e daí a tendência de aparecer mais claro na fotografia. Mas, por outro lado, as partes de azul puro sendo mais carregadas que as partes de azul-amarelo, têm a tendências de aparecerem mais sombrias. Estes dois fenómenos se compensam e se anulam, de modo que o desenho e o fundo terão, na fotografia, a mesma tonalidade e não se distinguirão um do outro.

Elimina-se esse inconveniente, utilizando um filtro amarelo. O desenho aparecerá então nítido sobre fundo claro.

Fotografia ultra-violeta

A fotografia ultra-violeta não necessita de filmes especiais, sendo as emulsões comuns sensíveis aos raios ultra-violetas.

Recomenda-se utilizar objetivas de quartzo. Isto não é absolutamente indispensável, mas é exato que certos vidros retêm de uma maneira notável os raios ultra-violetas e que o tempo de pose deve, assim, ser consideravelmente aumentado.

Como fonte de luz, utiliza-se uma lâmpada a vapor de mercúrio, com filtro ultra-violeta.

A aplicação essencial da fotografia ultra-violeta à técnica policial está na leitura de textos lavados. Em todos os casos de lavagens, a zona alterada se distinguirá nitidamente do resto do documento em uma fotografia ultra-violeta. Quanto à leitura do texto lavado, os resultados são muito caprichosos e dependem da substância utilizada para a lavagem assim como das condições em que esta substância foi aplicada. O texto reaparecerá algumas vezes, de maneira perfeita sobre a fotografia ultra-violeta; em outros casos os resultados serão falhos e será

necessário seguir a operação de recuperação pelo método de Dennstedt.

A fotografia ultra-violeta pode também dar resultados para a leitura de tintas simpáticas.

Fotografia infra-vermelha

A fotografia infra-vermelho necessita de chapas especiais, do tipo da Ilford I. R..

Esta técnica não necessita nenhuma fonte luminosa especial, pois a luz do sol ou das lâmpadas elétricas são suficientemente ricas de raios infra-vermelhos. É bastante colocar deante da objetiva um filtro infra-vermelho, o qual não deixa passar senão os raios vermelhos-escuros e infra-vermelhos.

As aplicações são as seguintes:

a) recuperação de tatuagens apagadas. As tatuagens de cor azul geralmente saem muito mal em fotografias da pele que é rosea, esta última cor sendo muito menos actínica que o azul. Se as tatuagens são muito pálidas ou propositalmente apagadas será impossível fotografá-las com os filmes comuns. Ao contrário, se aplicarmos a fotografia infra-vermelha, a pele será traduzida em branco puro enquanto que qualquer traço de azul que subsistir sairá preto.

b) leitura de textos rasurados ou emendados. Quando um documento foi rasurado, ou emendado, pode acontecer que a tinta da emenda seja transparente aos raios infra-vermelhos enquanto que a tinta de baixo fica negra. Neste caso, uma fotografia infra-vermelha permitirá a leitura do texto.

c) fotografia na névoa. Uma propriedade notável dos raios infra-vermelhos é a de atravessar a névoa. As chapas infra-vermelhas prestam serviços preciosos, portanto, para as fotografias de exterior em dias de bruma.

d) fotografias na obscuridade. Deve-se colocar o filtro infra-vermelho não deante da objetiva, mas deante de uma fonte luminosa que se encontra assim escondida para os olhos. Podemos realizar fotografias mesmo que nenhuma luz visível seja distinguida.



"PROJEÇÕES"

José V. E. Yalenti

TEMAS PREFIXADOS

Sombras (o Tema para Junho)

Conforme o prometido voltamos a tecer ligeiras considerações sobre o próximo tema prefixado de nossos concursos internos: Sombras.

Também neste caso, encontramos um tema que não cerceia a concepção individual. De maneira geral, nada mais é que uma indicação genérica do setor para onde devemos dirigir nossas pesquisas. — Este setor, no entanto, cobre um vasto campo de nossa arte e, desta forma, não teremos barreiras que restrinjam a visão e a originalidade individual.

Em Sombras, como no caso anterior dos Reflexos, devemos atender sobremaneira a questão do **motivo principal**. Este deverá ser, sem a mais leve con-

testação, uma, ou mais sombras quaisquer, definidas ou não, que dominem, por seus atributos composicionais, a todo o conjunto.

O elemento causador da sombra, isto é, o ser que se interpoz entre a fonte luminosa o fundo (qualquer que ele seja), poderá estar presente ou não. Se presente, especial cuidado deverá ser tomado para que não venha a usurpar a dominância, relegando a sombra para segundo plano. Chamamos especial atenção para este ponto, uma vez que o objeto iluminado possui os mais fortes atributos de domínio.

Outro ponto que soi esclarecer, afim de evitarmos lamentáveis desclassifi-

cações, é a questão da fotografia sombria. Ambientes em sombra, figuras em "Low Key" e sombras próprias, não satisfazem, em absoluto, ao tema. Nosso concurso refere-se a **sombras projetadas** e somente a elas. Caso assim não fosse chegaríamos ao cômodo absurdo de considerar interpretado o tema, mediante a apresentação de qualquer foto em silhueta. Não; a sombra de uma figura em silhueta é própria e não projetada. Assim sendo **"serão classificadas para o concurso de Junho as fotografias que apresentarem como motivo principal e francamente dominante, uma imagem qualquer obtida de uma sombra projetada"**.

A título de ilustração apresentamos dois exemplos que demonstram perfeitamente, o conceito que irá orientar os trabalhos de seleção.

Estas fotos de Yalente e Malfatti, não só nos esclarecem a definição supra, como demonstram a absoluta liberdade creativa permitida por temas prefixados desta natureza. Na fotografia de Yalenti notamos um exemplo em que o objeto causador das sombras se acha presente, sem que venha a dominar. A força do desenho das sombras é tal que subjuga os demais atributos dos objetos iluminados. O corte e a locação dos elementos no quadro contribuíram para a obtenção deste resultado bastante difícil.

O tema aí fica, e aguardamos as soluções de nossos colegas no julgamento de Junho.

Em Setembro, novamente, aqui estaremos para comentar o próximo tema: Arquitetura.



"O DESCONHECIDO"

Guilherme Malfatti

Reforçando os pontos dos ii

José Oiticica Filho

P A R T E 3 (Conclusão)

Haverá mesmo razão de queixa ?

Como mostrei nos artigos anteriores, principalmente no segundo, não se justifica o boicote de um Salão Brasileiro por uma entidade fotográfica Brasileira, pelo simples fato das fotografias dos seus sócios serem rejeitadas no referido salão. Como viram, as causas de rejeição são várias e impossíveis de serem analisadas em simples tabelas de dados.

Apesar de tudo isso, resolvi saber ao certo, o que estaria acontecendo com os trabalhos da S. F. F. nos salões do Bandeirante. Assim pedi e obtive da Diretoria do Bandeirante uma relação dos trabalhos enviados pela Fluminense, nos **três últimos anos** em que concorreram ao dito salão Internacional, isto é, 1947, 1948 e 1949, com as aceitações e rejeições anotadas.

Fiquei deveras espantado com os dados que me enviou o Bandeirante e pergunto a mim mesmo: haverá realmente, lealmente, razão de queixa da Fluminense? Passarei a expôr e analisar sucintamente os dados que me foram fornecidos, para que o leitor julgue, por si mesmo, como se contam as coisas e como a atual Diretoria da S. F. F. anda má avisada na orientação da sociedade que dirige.

Antes, porém, desejo chamar a atenção dos que me lêem, para as seguintes afirmações da revista da S. F. F., referida em meus artigos anteriores (ano 2, número 17, pags. 4-5; 24-26), ao falar dos trabalhos de seus sócios rejeitados em S. Paulo: "Embora muitas destas fotografias sejam premiadas em **vários Salões de outras Nações**, em S. Paulo, elas, quasi sempre, são rejeitadas..." (grifo nosso). Na carta do desconhecido e "sabido" Gomes de Deus, há este trecho: "Saberá o Sr.

Oiticica que em 1949, a S. F. C. (sic) concorreu em 33 Salões e Exposições de 15 Países e o **nível de aceitação de nossas fotografias, foi magnífico?**" (grifos nossos).

Se as afirmações acima da S. F. F. e do G. de Deus fossem verdadeiras (não o são, conforme mostrei nos meus artigos anteriores), deveria a S. F. F. possuir **uma plêiade de exibidores internacionais**. Porém, os trabalhos destes exibidores, **não foram enviados** aos salões do Bandeirante, de acôrdo com os dados que possuo e a que me referi linhas atrás.

Julgue o leitor. Em 1947 a S. F. F. enviou para S. Paulo um total de **32 trabalhos, de 9 autores**, sendo na ocasião, **4 autores apenas, conhecidos internacionalmente**, conforme registra o American Annual of Photography. Três destes autores com um total de 12 trabalhos tiveram 10 trabalhos aceitos. O quarto autor, teve os seus **4 trabalhos rejeitados**, porém a sua classe internacional era realmente fraca: 1 trabalho para 1 salão. Os outros 5 autores não tinham seus nomes inscritos em catálogos internacionais.

Eis o resumo de 1947: **32 trabalhos; 9 autores (4 internacionais); 10 trabalhos aceitos; 22 rejeitados. Porcentagem de aceitação: 31,2%. Porcentagem de aceitação total do salão Bandeirante: 34,9%. Qual o motivo de queixa?**

Si somente os **quatro autores internacionais** tivessem enviado trabalhos para o salão Bandeirante de 1947, sabem qual seria a porcentagem de aceitação? **Seria de 62,5% !!**

Vejamos 1948. **Autores 5 (3 internacionais); total de trabalhos 23** (não contamos o trabalho de um autor, já enviado e aceito em 1947, sob nome diferente). **Aceitação total: 7 traba-**

Reforçando os pontos dos ii

José Oiticica Filho

P A R T E 3 (Conclusão)

Haverá mesmo razão de queixa ?

Como mostrei nos artigos anteriores, principalmente no segundo, não se justifica o boicote de um Salão Brasileiro por uma entidade fotográfica Brasileira, pelo simples fato das fotografias dos seus sócios serem rejeitadas no referido salão. Como viram, as causas de rejeição são várias e impossíveis de serem analisadas em simples tabelas de dados.

Apesar de tudo isso, resolvi saber ao certo, o que estaria acontecendo com os trabalhos da S. F. F. nos salões do Bandeirante. Assim pedi e obtive da Diretoria do Bandeirante uma relação dos trabalhos enviados pela Fluminense, nos **três últimos anos** em que concorreram ao dito salão Internacional, isto é, 1947, 1948 e 1949, com as aceitações e rejeições anotadas.

Fiquei deveras espantado com os dados que me enviou o Bandeirante e pergunto a mim mesmo: haverá realmente, lealmente, razão de queixa da Fluminense? Passarei a expôr e analisar sucintamente os dados que me foram fornecidos, para que o leitor julgue, por si mesmo, como se contam as coisas e como a atual Diretoria da S. F. F. anda má avisada na orientação da sociedade que dirige.

Antes, porém, desejo chamar a atenção dos que me lêem, para as seguintes afirmações da revista da S. F. F., referida em meus artigos anteriores (ano 2, número 17, pags. 4-5; 24-26), ao falar dos trabalhos de seus sócios rejeitados em S. Paulo: "Embora muitas destas fotografias sejam premiadas em **vários Salões de outras Nações**, em S. Paulo, elas, quasi sempre, são rejeitadas..." (grifo nosso). Na carta do desconhecido e "sabido" Gomes de Deus, há este trecho: "Saberá o Sr.

Oiticica que em 1949, a S. F. C. (sic) concorreu em 33 Salões e Exposições de 15 Países e o **nível de aceitação de nossas fotografias, foi magnífico?**" (grifos nossos).

Se as afirmações acima da S. F. F. e do G. de Deus fossem verdadeiras (não o são, conforme mostrei nos meus artigos anteriores), deveria a S. F. F. possuir **uma plêiade de exibidores internacionais**. Porém, os trabalhos destes exibidores, **não foram enviados** aos salões do Bandeirante, de acôrdo com os dados que possuo e a que me referi linhas atrás.

Julgue o leitor. Em 1947 a S. F. F. enviou para S. Paulo um total de **32 trabalhos, de 9 autores**, sendo na ocasião, **4 autores apenas, conhecidos internacionalmente**, conforme registra o American Annual of Photography. Três destes autores com um total de 12 trabalhos tiveram 10 trabalhos aceitos. O quarto autor, teve os seus **4 trabalhos rejeitados**, porém a sua classe internacional era realmente fraca: 1 trabalho para 1 salão. Os outros 5 autores não tinham seus nomes inscritos em catálogos internacionais.

Eis o resumo de 1947: **32 trabalhos; 9 autores (4 internacionais); 10 trabalhos aceitos; 22 rejeitados. Porcentagem de aceitação: 31,2%. Porcentagem de aceitação total do salão Bandeirante: 34,9%. Qual o motivo de queixa?**

Si somente os **quatro autores internacionais** tivessem enviado trabalhos para o salão Bandeirante de 1947, sabem qual seria a porcentagem de aceitação? **Seria de 62,5% !!**

Vejamos 1948. **Autores 5 (3 internacionais); total de trabalhos 23** (não contamos o trabalho de um autor, já enviado e aceito em 1947, sob nome diferente). **Aceitação total: 7 traba-**

lhos dos três autores internacionais e um deles ainda bem fraco nos salões internacionais. Dois principiantes não tiveram trabalhos aceitos. **Porcentagem de aceitação para 1948, para a S. F. F.: 30,4%. Porcentagem de aceitação total do salão Bandeirante, para 1948: 36,7%.**

Porcentagem de aceitação para os internacionais da S. F. F., em 1948: 41,1% !!

Agora o celebre ano de 1949. **Autores enviados pela Fluminense 19 (10 internacionais, dos quais 6 tiveram trabalhos aceitos). Total dos trabalhos enviados 54 (não contamos o trabalho de um autor já enviado em 47, desta vez com o mesmo nome). Aceitação total da S. F. F.: 9 trabalhos. Porcentagem de aceitação da S. F. F., em 1949: 16,6%.** Fraca, realmente, dirá o leitor e eu concordo. Agora sabe o leitor qual a **porcentagem total de aceitação para o salão Bandeirante em 1949? Foi apenas de 20,7% !!** Como concluir? Salão com seleção muito rigorosa ou os trabalhos enviados estavam realmente fracos para um salão internacional? Creio que ainda neste caso não há motivo para queixa!

É motivo de queixa não deveria haver nunca de uma Diretoria cônica de suas funções perante os seus sócios. Caberia a esta Diretoria dizer: tivemos uma porcentagem baixa de aceitação, porém a porcentagem total de aceitação do salão também foi baixa, quase igual a nossa e realmente enviamos trabalhos de principiantes (cerca de 25); vamos continuar a trabalhar e para o ano tentaremos fazer melhor figura; e deveremos sempre prestigiar o salão Paulista, pois não só é um salão internacional, como também, antes de tudo, é um salão patrocinado por um clube Brasileiro, portanto nosso irmão de lutas e ideais!! Isto deveria dizer uma Diretoria cônica de suas funções perante seus sócios, repito.

É para acabar esta história de porcentagens, seria interessante que a S. F. F. publicasse uma lista completa dos seus exibidores que participaram de Salões Norte Americanos e Canadenses, com as aceitações, para que ficasse bem clara a tal "estatística" de 40% de aceitações em Salões Norte Americanos.

O trabalho dos Bandeirantes

Como acabei de mostrar acima e como mostrei nos artigos anteriores, nota-se nitidamente que o pessoal do Bandeirante está trabalhando mais e com mais vontade do que o pessoal da Fluminense. Daí a maior aceitação dos trabalhos do Bandeirante nos salões internacionais e também ("a fortiori", poderíamos dizer) nos próprios salões de S. Paulo.

Sabem os leitores quantos trabalhos foram inscritos nos **Concursos Internos** do Bandeirante só em 1950? Pois passem: **765 trabalhos, de 76 sócios.** Qual o clube Brasileiro que apresenta tal índice de atividade?

E pelo que tenho visto lá, os trabalhos mensais mostram uma ânsia incontida de crear algo de novo, a tal "pesquisa", termo que os Bandeirantes empregam com toda a propriedade para aqueles que procuram avançar, pensando e experimentando com emoção.

É pois de admirar que de tantos trabalhos mensais, que de tanta atividade (nunca vista entre nós), uma pequena porcentagem de 5% ou mesmo 10%, sejam obras de salão? E participam dos Concursos Mensais não só os que começam, como também os avançados, como Albuquerque, Souza Lima, Lorca, Nelson Rodrigues, Gasparian, Otsuka, Barbara Mors, Yalenti, Nuti, Polacow, Salvatore e outros.

E note bem o leitor e fiquem alertas os meus colegas Cariocas e Fluminenses, o concurso "Estímulo" acabado de realizar-se em S. Paulo, por iniciativa do Bandeirante, para principiantes que não pertencem a clubes fotográficos e que nunca tiveram trabalhos expostos em salões ou concursos, teve resultados inesperados. Mostrou que há, em estado potencial, uma massa bem respeitável de Paulistas, com visão e noção de Arte Fotográfica, o que vem demonstrar como S. Paulo está progredindo em matéria de Fotografia Artística.

E por isto vamos ficar tristes, enciumados? E vamos ter despeito do que se faz em S. Paulo? Só os espíritos estreitos e despidos de Brasilidade pensariam assim.

Salões e exibidores

De toda esta história, mais firme ficou em minha mente, uma classificação que havia adotado para os concorrentes a salões de Arte Fotográfica. Eis a minha classificação:

Classe 1 — Concorrentes principiantes cujas provas são rejeitadas.

- a) os convencidos, que não aceitam rejeições (veja-se comentário abaixo);
- b) os que aceitam rejeições e procuram melhorar (veja-se classe 3).

Classe 2 — Concorrentes avançados, já com boa aceitação nos salões internacionais.

- a) os convencidos, que não admitem rejeições (veja-se comentário abaixo);
- b) os que aceitam rejeições, sabendo que os juizes são humanos e portanto, sujeitos, cada um deles, aos seus pensamentos e ideais de Arte, que não são, necessariamente, os do concorrente (veja-se classe 3, abaixo).

Classe 3 — Concorrentes normais.

- a) Classe 1 (b).
- b) Classe 2 (b).

Comentários: Os concorrentes da classe 1 (a) são os principiantes convencidos, não aceitam críticas, não concordam nunca com os juizes, porém só apresentam trabalhos de uma mediocridade de espantar. Eles são um perigo permanente para o avanço da Arte Fotográfica e de qualquer Arte em geral. Reunem-se em grupos e formam movimentos, chamados de "renovação", querendo convencer que o que eles fazem é que é a verdadeira arte.

Não confundir com os **verdadeiros renovadores**, com os **pesquisadores**, em geral, artistas avançados, de personalidade marcante e normais, que possuindo real talento procuram criar **algo de novo e de belo também**.

Os concorrentes da classe 1 (a) são uma "mina" para os que querem fazer propaganda desleal. E escrevem car-

tas e confeccionam "estatísticas" e "pintam o sete", **para se mostrarem, tudo á custa da Arte que deveriam praticar e aperfeiçoar**.

Os concorrentes da classe 2 (a), não são muitos, felizmente. São reais artistas, de mérito incontestado, com boa ou ótima aceitação em salões internacionais. Mas têm um complexo: **o do convencimento**. Julgam-se os "tais"; julgam-se os líderes; não admitem constestação alguma; quando o "mestre fala; acabou-se". E muitas vezes, o complexo que possuem, vem associado aos pecados do despeito e da inveja. Esquecem-se que são humanos e que seus trabalhos não podem ser perfeitos. Esquecem-se que nem todos os entes humanos, estão sujeitos a serem guiados, cegamente, por líderes.

Quando um destes concorrentes galga a Diretoria de uma sociedade de Arte, bem, nem é bom falar....

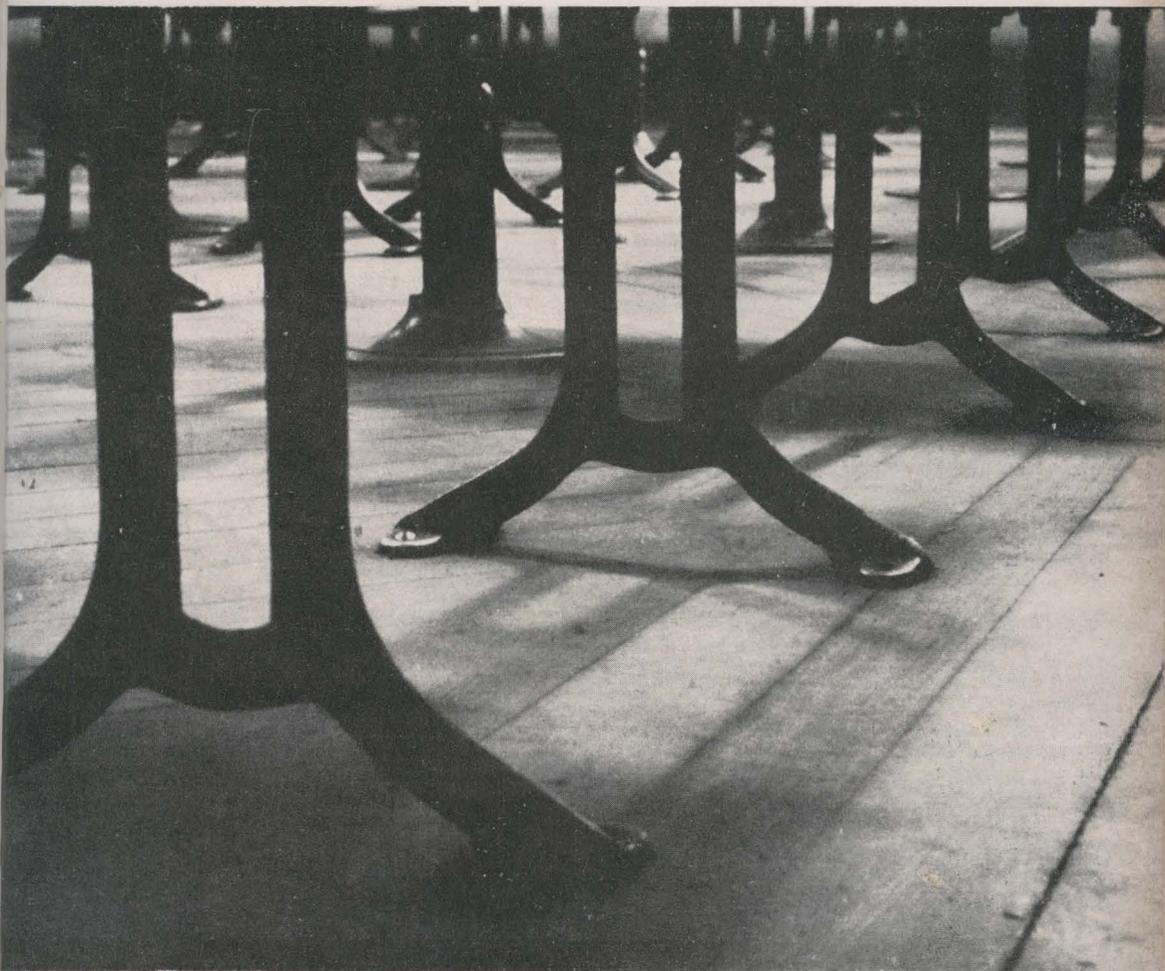
A guiza de conclusão

O motivo principal que me levou a escrever os três artigos que ora concluo, foi o pensamento nos meus colegas de todo o Brasil. Quando, no Brasil, funda-se uma Federação Brasileira de Arte Fotográfica, cujo fito principal é **irmanar os Clubes e Sociedades de Arte Fotográfica do Brasil**, os artigos da revista da S. F. F., deixaram-me perplexo e revoltado. E pensei logo nos meus colegas de todo o Brasil. Era preciso um esclarecimento de minha parte e era necessário mesmo que as coisas fossem postas no devidos lugares.

Ao terminar ficarei plenamente recompensado, se o meu trabalho conseguir convencer aos meus colegas, ainda em dúvida, que a **simples rejeição de trabalhos em salões de Arte Fotográfica**, principalmente num salão Brasileiro, **não deve ser motivo de ressentimentos ou boicotagem do respectivo salão**.

Ao contrário, deve ser motivo para mais afinco ao trabalho, mais incentivo à pesquisa e a criação. Deve ser aceita como uma lição e não como um castigo e acima de tudo não deve, nem por sombra, quebrar a harmonia daqueles que cultivam com carinho, com lealdade, a Arte Fotográfica no Brasil.

a) José Oiticica Fº.



"SEQUENCIA"

Moacyr Diniz (Piracicaba)

(Do Concurso Interno de Março)

O F. C. Bandeirante nos Salões de 1950

786 fotografias, 67 autores, admitidos em 26 salões !

Dentre as atividades que têm trazido para o F. C. Bandeirante o prestígio e renome que goza, ocupa lugar saliente a sua participação nos salões que se realizam no país e no estrangeiro. Mercê dessa atividade, nosso país vem se tornando melhor conhecido, não só pelos próprios brasileiros, como, principalmente, no exterior, pois o alto nível artístico das representações bandeirantes têm atraído para o Brasil a atenção dos mais importantes centros fotográficos de todo o mundo.

Surpreende a quantos acompanham as atividades fotográficas clubísticas, a intensidade dessa participação bandeirante, sem prejuízo, entretanto, das demais atividades que a renomada entidade mantém em ritmo sempre crescente, graças á sua eficiente organização e á dedicação de seus membros.

Assim é que, em 1950, o F. C. Bandeirante participou de 26 salões, a saber: Portugal, Barcelona, Londres, Turim, Tres Arroyos Dinamarca, Stocolmo, Luxemburgo, Índia Antuerpia, Salta, Paris, Japão, Rio de Janeiro (F. C. Brasileiro), F. C. Buenos Aires,

Zaragoza, Chile, Rib. Preto, Cuba, Sergipe, S. Carlos, Vancouver, Edmonton, S. Paulo, Campinas e Bologne, ou sejam 6 salões nacionais e 20 estrangeiros.

Sobreleva notar que as representações do F. C. B. foram geralmente compostas com um ou no máximo dois trabalhos por autor. 67 associados do F. C. B. tiveram trabalhos admitidos no ano findo, o que comprova residir em S. Paulo, atualmente, a força máxima da fotografia artística brasileira. E o índice de aceitação ainda mais o confirma, dizendo eloquentemente do alto nível atingido pelos bandeirantes, pois, não obstante aquele "handicap", tiveram eles, nos 26 salões acima mencionados, nada menos que **786 fotografias admitidas!**

De conformidade com o regulamento dos concursos internos, o F. C. Bandeirante confere, anualmente, valioso trofeu ao associado que mais se distinguir durante o ano, nos salões de que a entidade participa.

Em 1950, esse cubicado prêmio foi conferido ao destacado autor Francisco Albuquerque, já que o resultado do salão do F. C. Argentino, ainda não conhecido, não virá alterar a colocação que conquistou após uma disputa das mais equilibradas, como se vê do quadro abaixo:

NOME	SALÕES	T R A B A L H O S		PONTOS
		INSCR.	ADMITS.	
Francisco Albuquerque (*)	21	55	36	1.280
Angelo F. Nuti (*)	18	52	30	1.120
Eduardo Salvatore (*)	17	55	32	1.080
Gaspar Gasparian	20	57	34	1.040
Masatoki Otsuka	17	58	31	1.000
Nelson S. Rodrigues	19	55	29	900
Carlos F. Latorre	16	45	27	880
Jacob Polacow (*)	15	46	24	820
German Lorca	17	53	26	820
Aldo A. Souza Lima	16	49	23	720

Damos em seguida resumidamente, a pontuação obtida pelos demais concorrentes que totalizaram mais de 250 pontos:

Nomes	Trabs. Admts.	Pontos
Luiz Vaccari	22	720
Plinio S. Mendes	22	680
Fernando Palmerio (*)	21	640
Thomas J. Farkas	22	640
Roberto Yoshida	19	600
Sergio Trevelin	17	580
Antonio S. Victor	19	580
Manoel Morales Fº.	17	540
Barbara Mors	18	520
Mario Fiori	18	500

José V. E. Yalenti (*)	15	480
Euclides Machado	17	480
Jean Lecocq	16	460
Julio Agostinelli	14	440
Geraldo Barros	13	400
Abilio M. Castro	12	360
Guilherme Malfatti	11	360
Arnaldo M. Florence	14	360
Alfio Trovato	9	320
Francisco B. M. Ferreira	9	320
Renato Francesconi	11	300
Kasuo Kawahara	10	280
Asterio Rocha	10	260
Cyro A. Cardoso	10	260

(*) Não foram computados salões de cujos jurís tomaram parte.



Excursão a Morro Grande

Obedecendo ao propósito de oferecer aos seus associados maiores oportunidades para a produção de novos trabalhos, o F. C. Bandeirante promoveu no domingo de 8 de abril p. p., a primeira das excursões programadas para o corrente ano.

O local escolhido foi "Morro Grande", agradável recanto próximo a Cotia, onde a R. A. E. tem uma das estações de tratamento de águas, gentilmente franqueada ao Clube pelas autoridades competentes. Lagos, cascatas, correjos murmurantes, bosques nativos, tornaram o local um dos mais encantadores pontos das visinhanças da nossa Capital e a calma própria de tão sugestivo ambiente viu-se quebrada, naquele dia ensolarado, pela presença de uma centena de pessoas, entre sócios e seus familiares, todos desejosos de usufruir o belo passeio, em contacto directo com a nossa pródiga natureza.

Os "aficionados" não perderam tempo e divididos em vários grupos, exploraram devidamente os arredores. Nada escapou às suas vozes objetivas.

Cabe aqui registrar o quanto são proveitosas estas excursões, principalmente para os que se iniciam na difícil arte da fotografia. Acompanhados pelos mais avançados, a experiência destes na seleção dos assuntos, nos ângulos de tomada, as suas recomendações de ordem técnica, etc., constituem verdadeiras e valiosas aulas práticas de fotografia.

Além do mais, são estas excursões poderoso veículo de maior camaradagem e entrelaçamento das relações de amizade entre os sócios e suas famílias.

Damos nesta página alguns flagrantes colhidos durante a excursão a Morro Grande, que bem ilustram o que vimos de dizer, cabendo-nos ainda acrescentar que além do magnífico passeio, tiveram os excursionistas oportunidade de se inteirarem de vários detalhes do trabalho de tratamento de águas levado a efeito pela R. A. E., gentilmente explicados pelos dedicados funcionários que labutam naquela esplendida dependência.





EXPOSIÇÃO Malfatti — Como éra previsto, despertou grande interêsse a exposição individual levada a efeito, na séde do F. C. Bandeirante, pelo renomado e veterano artista-fotógrafo paulistano, Dr. Guilherme Malfatti. Foi o autor bastante cumprimentado e nos clichês acima vemos-lo: 1.º) ao ouvir os comentários de seus companheiros Angelo F. Nuti, e A. Machado Florence e 2.º) na companhia do Presidente do F. C. B. e de Francisco Albuquerque, em cordial palestra com diretores e colegas do Foto Clube de Santos, vindos especialmente a esta Capital, para assistirem a inauguração da interessante mostra.

CONCURSO DE FILMES AMADORES NA SUIÇA

No dia 24 de fevereiro último foi realizado em Zurich o concurso nacional anual da Suíça para escolha do melhor filme amador. Foram inscritos dezenove filmes neste certame, sendo oito filmes de enredo, dois de fantasia, sete documentários e dois científicos.

O primeiro prêmio, entre todas as categorias, coube ao filme "Le sang c'est la vie", um documentário colorido de autoria da sra. e sr. Léon André, do clube de Berna, com a nota 26,54 (máximo: 30). Lembramos ter o sr. Léon André recebido um segundo prêmio na categoria de documentários no Concurso Internacional, com o filme "Printemps au lac Thoune". Este ano, com "Le sang c'est la vie", ele evoca a história da transfusão do sangue, num filme emocionante e realizado com muita precisão. Este filme figurará entre outros de categoria no Concurso Internacional de Glasgow.

Na categoria de filmes de enredo, o sr. Werner Kunz, de Genebra, foi o premiado, tendo apresentado "Erreur", dramática realização, de inegáveis qualidades técnicas e artísticas.

Para os filmes científicos, "La lutte contre le cancer" do dr. Claude Piguët, de Lausanne, obteve o primeiro prêmio, sendo uma interessante visão técnica, com numerosos gráficos, expondo a situação atual da questão.

O melhor filme de fantasia foi "Entr'acte", do sr. Jean Luscher, de Genebra, filme que

nada tem em comum com o de René Clair sinão o título, levando-nos de volta aos mais belos tempos do cinema de vanguarda, apresentando uma técnica renovada e muito moderna, fatores que nesse gênero têm sido um tanto desprezados no presente. (Comunicado oficial da Union Internationale des Cineamateurs — UNICA).

CONCURSO INTERNACIONAL DE FILMES AMADORES DA U.N.I.C.A.

Como já foi noticiado, o Clube está recebendo para classificação, quaisquer filmes de amadores, em 8, 9,5 ou 16 mm., de qualquer gênero e metragem, afim de serem regularmente inscritos na representação brasileira que irá figurar no próximo concurso internacional de filmes amadores, patrocinado pela Union International du Cinéma d'Amateur, da qual o Foto-cine Clube Bandeirante é representante no Brasil. Esse concurso será realizado no mês de agosto próximo e os filmes deverão estar em nosso poder até 31 de maio p. futuro, para serem julgados. Outras informações poderão ser obtidas junto à Secretaria, à rua Avanhadava, 316.

Atividades Fotográficas no País

Foto Clube de Ilhéos

Em dias do corrente mês, recebeu o Presidente do Bandeirante, um telegrama proveniente da "bôa terra", o qual nos trouxe muita satisfação e cujo teor é o seguinte:

"Tenho o prazer de comunicar a instalação nesta cidade e em sessão realizada no dia 27, do Foto Clube de Ilhéos. Foi eleita a seguinte Diretoria: Presidente - Professor Oswaldo Ramos, Vice-presidente - Dr. Jorge Fialho, Secretário - José Mendonça, Tesoureiro - Antonio Resende, Diretor Artístico - Dr. Jaime Costa, Diretor de Intercâmbio - Professor Otto Soelinghson, Vogal - Cícero Dias, Presidente de Honra - Joaquim Mansos. Aproveitamos o ensejo para encarecer grande estímulo e sábia orientação de Carlos Comelli, escolhido unanimemente nosso representante junto ao Clube Bandeirante a quem enviamos por intermédio de V. S. a nossa primeira saudação, justa homenagem do Clube mais moço ao pioneiro da fotografia no Brasil. Atenciosamente - Oswaldo Ramos, Presidente Eleito".

Ouve-se na velha Baía mais um toque de reunir para os talentos dispersos. Bôa terra, dis o povo e Bôa Gente, dizemos nós. A caçula das entidades fotográficas brasileiras, aqui deixamos nossos votos de prosperidade e a afirmação de nossa inteira colaboração.

Foto-cine Clube do Paraná

(Do nosso correspondente) — O Foto Cine Clube do Paraná, agora confortavelmente instalado no prédio nº 36 da rua Marechal Deodoro, realizou, em dias do mês de janeiro pp. a Assembléa Geral Ordinária para, de acôrdo com seus novos Estatutos Sociais, eleger o seu Presidente. A escolha recaiu na pessoa do Dr. Ely de Azambuja Germano que por seu turno, convidou para companheiros de Diretoria, os seguintes: Dr. Evando Pereira Munhoz - Diretor Secretário; Valery Julio Bonnet - Diretor Tesoureiro; Cornelio Mario Horsmann - Diretor Fotográfico e Nelson Negro Samways - Diretor Cinematográfico.

No dia 2 do corrente, em sua séde social, foi inaugurado solenemente o XIIº Salão Anual de Arte Fotográfica e 1.º de Transparencias Fotográficas Coloridas. Concorreram

a estes salões, inúmeros amadores, alcançando a mais de uma centena o número de trabalhos apresentados. A comissão julgadora, nomeada pelo Foto Cine Clube Pontagrossense, concedeu prêmios aos seguintes expositores: 1.º prêmio: "Tiranía", 2.º prêmio: "Auto-retrato", ambos de autoria do Dr. Ely de Azambuja Germano; 3.º prêmio: "Fantasia" de Nelson Negro Samways. Em Transparencias Coloridas, a comissão concedeu o 1.º prêmio para o trabalho do Dr. Ely de Azambuja Germano e 2.º e 3.º prêmios para os trabalhos do Dr. Evando Pereira Munhoz, tendo obtido Menção Honrosa, o de autoria do Dr. Ivo Leão Filho.

Foto-cine Clube de Campinas

Entre os artistas-fotógrafos do Brasil, ha um nome que nos merece muito carinho e admiração. É o de **Kazys Vosylius**. Saber fazer e saber ensinar, são as suas características. Incansável batalhador pela disseminação dos conhecimentos de Arte Fotográfica, ensinou e estimulou muitos dos renomados artistas que hoje brilham nos Salões de muitos países. Kasys Vosylius acaba de transferir a sua residência do Rio de Janeiro para Campinas e como não poderia ser de outro modo, já está inteiramente integrado com os nossos companheiros do Foto Clube local. Mas não ficou apenas nisso, pois que, já programou e dará início a 4 de maio, vindouro, ao curso de Fotografia para os aficionados campineiros. A isto chamamos trabalhar por uma causa.

DO LIVRO DE VISITANTES

"Agradeço a oportunidade de registrar algumas palavras em seu livro de impressões. É confortador verificar o esplendido trabalho que está realizando o Foto-cine Clube Bandeirante para a concretização de uma das formas da arte dos nossos dias e da nossa era. Pela reunião das pessoas para expressarem seus sentimentos e desfrutar de outros a experiência e os conhecimentos que é o mais eficiente meio de alcançar nossos ideais. Sinceramente, JOSEPH BARNELL, membro do "READER'S DIGEST", (EE. UÚ.)".

★ Propor novos sócios é o dever de todo bom sócio ★

O BANDEIRANTE NO EXTERIOR

Publicamos a seguir mais os resultados obtidos pelos associados do F. C. Bandeirante, nos salões internacionais de Cuba e do Japão, cujos formosos e bem cuidados catálogos vimos de receber. Para completar a série de 1950, ficam faltando agora apenas os resultados dos salões de Bologna e do

F. C. Argentino dos quais ainda não tivemos nenhuma notícia, embora realizados já há algum tempo.

IV Salão de Cuba - 1950

Admitidos: F. Albuquerque, com "Nórdico"; C. Cardoso, com "Ressaca"; Abilio Castro Fº., com "Leletinha"; F. B. M. Ferreira, com "O Forte"; M. Fiori, com "Pena gris"; G. Gasparian, com "Paisagem nordestina" e "Dalias"; C. F. Latorre, com "Descanso"; G. Lorca, com "Pano"; M. Morales Fº., com "Retrato de J. B."; A. F. Nuti, com "Entardecer", "Ancorado" e "Renda da praia"; M. Otsuka, com "Grade moderna"; F. Palmerio, com "Sulcos na areia"; J. Polacow, com "Estrado" e "Destino"; N. S. Rodrigues, com "Onde morrem as vagas"; J. Lecocq, com "Crepusculo"; L. Vaccari, com "Copos de leite"; e R. Yoshida, com "Modelo".

Teve assim o Brasil, no referido salão, um total de 21 trabalhos.

11.º Salão do Japão - 1950

Pela primeira vez participou nosso país do longínquo certame asiático cujo rigor bem se demonstra pela aceitação de apenas 172 fotografias dentre as 647 inscritas pelos países estrangeiros e 101 dentre as 1306 inscritas pelos nacionais do Japão.

Não obstante, folgamos em registrar que o Brasil esteve esplendidamente representado, através dos seguintes trabalhos de associados do F. C. Bandeirante:

"Modernismo" de Djalma Gaudio, do Rio de Janeiro (reproduzido no catálogo para o Japão); "Vetustas" de Arnaldo M. Florence; "Casas velhas" de German Lorca; "Solitário" de A. Silva Victor; "Dorso" e "Repouso" de J. P. Ramalho e "Destino" de Jacob Polacow.

EXPOSIÇÃO DE FOTOGRAFIAS COLORIDAS DE LONDRES

Segundo convite enviado ao F. C. B., THE CAMERA CLUB, 23 Manchester Square, London W.1, irá realizar sua exposição de fotografias coloridas, podendo os interessados proceder sua inscrição até o dia 13 de outubro vindouro. Só serão aceitas fotografias pelos processos Carbro, Printon e Kodacolor, bem como o Flexichrome. Não serão inscritas as fotos coloridas à mão.

CONCURSOS INTERNOS

Proseguem ativamente os concursos internos que o F. C. Bandeirante faz realizar, mensalmente, entre os seus associados e através dos quais estes podem melhor aquilatar seus progressos em fotografia artística, preparando-se para as provas mais difíceis que são os salões. Assim é que teremos este mês, mais um concurso sobre o tema — REFLEXOS — cuja elucidação já demos num dos últimos Boletins. Aparentemente simples, e embora dos mais sugestivos, os temas prefixados geralmente envolvem uma série de dificuldades técnicas ou problemas de ordem estética que os concorrentes deverão vencer. Não há dúvida, são esses concursos um dos mais eficazes meios de que o Clube lança mão para promover o aperfeiçoamento técnico e artístico de seus associados, tal a soma de conhecimentos que lhes advem ao procurarem resolver os problemas com que se defrontam.

Os próximos concursos

Para os meses vindouros, os concursos internos versarão sobre os seguintes temas:

Abril	- Reflexos (espelhos, superfícies polidas, etc.)
Mai	- Tema livre
Junho	- Sombras
Julho	- Tema livre
Agosto	- Não haverá concursos, em virtude dos preparativos e realização do XIº SALÃO INTERNACIONAL DE ARTE FOTOGRÁFICA DE SÃO PAULO.
Outubro	- Arquitetura, Monumentos (ângulos, detalhes)
Novembro	- Tema livre
Dezembro	- Simplicidade.

Lembramos aos concorrentes que, nos termos do regulamento, os trabalhos deverão ser entregues já montados, em cartolina de 35x50 ou 50x70 cts. (exceção feita para os concorrentes do interior ou outros Estados), até o dia 20 de cada mês, impreterivelmente.

CALENDÁRIO DE SALÕES INTERNACIONAIS DE 1951

Pelo Diretor de Intercâmbio foi organizado o calendário abaixo dos salões internacionais a se realizarem durante o ano de 1951, e aos quais o F. C. Bandeirante deverá se fazer representar. Os consocios que desejarem participar das remessas coletivas deverão entregar os seus trabalhos ao Diretor de Intercâmbio, até as datas limite respectivas, constantes do quadro abaixo.

Nessa relação foram incluídos, de preferência, os salões promovidos por entida-

des congêneres que mantêm intercâmbio com o F.C.B. e que se realizam anualmente, o que não impedirá de, a relação serem acrescentados, posteriormente, outros certames ou salões promovidos por associações amigas ou que venham a iniciar relações com o Clube.

Assim também, está o Clube á disposição das demais entidades congêneres nacionais que desejarem se utilizar de suas remessas coletivas para enviar trabalhos dos respectivos associados.

N.º do salão	Denominação - Local - País	Circuito	Data de entrega no clube.
12.º	Três Arroyos - Argentina	_____	20 de abril
12.º	Tóquio - Japão	_____	30 de abril
8.º	"Christchurch" - Nova Zelandia	_____	30 de abril
26.º	Irish — Dublin, Irlanda	(circuito de Charleroi)	5 de maio
	Vooruit — Gent — Bélgica		
42.º	Londres — Inglaterra	_____	17 de maio
96.º	"Royal Photographic Society" — Londres, Inglaterra	_____	30 de maio
11.º	Salta — Argentina	(circuito de S. Sebastian)	30 de maio
27.º	Zaragoza — Espanha		
5.º	Bologna — Italia	(circuito de Antuérpia)	6 de junho
12.º	Estocolmo — Suécia		6 de junho
	Bruxelas — Bélgica		
39.º	Paris — França	_____	20 de junho
10.º	SÃO PAULO	_____	14 de julho

OPORTUNIDADES

Esta secção acha-se á disposição dos amadores ou profissionais interessados na compra, venda ou permuta de aparelhos ou materiais foto-cinematográficos, sendo os pequenos anúncios cobrados à razão de Cr.\$ 50,00 para o máximo de 4 linhas. Para os sócios do Clube e assinantes do Foto-cine, a inserção de um pequeno anúncio mensal será gratuita.

VENDE-SE uma LEICA III-C com Elmar 1:3,5, f. 5 cm. por Cr.\$ 6.000,00, objetivas: Hecktart Leitz 1:6,3 f. 28 mm por Cr.\$ 3.000,00, Hecktart Leitz 1:1,9 f. 73 mm. por Cr.\$ 7.500,00, Elmar 1:4,5 f. 135 mm. por Cr.\$ 3.500,00 e uma Telyt 1:4,5 f. 200 mm. completa (caixa reflex, jogo de filtros e parasol) por Cr.\$ 9.500,00. Vende-se ainda um visor Universal "Vidom" para Leica por Cr.\$ 1.000,00, parasol para obj. de 35 a 135 mm., filtros para Xenon Leitz 1:1,5 f. 50 mm. e para Summar de 90 e 135 mm. e um ampliador para filmes de 35 mm. dotada de obj. 1:4,5 f. 50 mm. por Cr.\$ 2.300,00. - Tratar com Angelo, aos sábados de tarde, na séde do Clube.

INTERESSO-ME por filmes de cinema coloridos em 16 mm. e em diapositivos coloridos, miniaturas, apresentando cenas do Brasil. Interesse-me também na troca destes últimos. - Luiz Prudente Correa, Praça Vila-boim, 85 - São Paulo.

ARTIGOS fotográficos e cinematográficos, acessórios em geral para amadores e profissionais, temos sempre em estóque. Visitenos sem compromisso. SIMON KESSEL, Rua Conselheiro Crispiniano, 404 - 2.º andar - sala 211.

VENDE-SE uma CROWN GRAPHIC 6x9 com Ektar 1:4,5, acompanhada de grande-angular 1:6,8 de 6 cms., chassis film-pack, chassis roll-film, 6 chassis duplos p/filme rígido sincronizador completo e caixa apropriada de fibra. Tudo por Cr.\$ 9.000,00. - Tratar com Albuquerque, Av. Rebouças, 1700, fone: 8-7650.

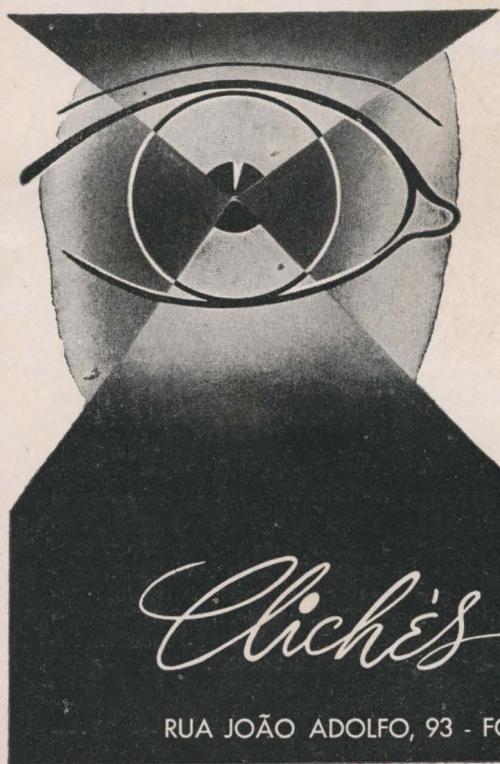
ACESSÓRIOS em geral para fotografia pelos melhores preços. Esmaltadeiras 50x60, tipo plana, toda de ferro "Fontamac", esmaltadeiras 30x40, 45x60, curvas, refletores, roletes, placas cromadas, marfinites, intermediários para filme rígido, etc.. Não aceite imitações. FONTAMAC, Rua Francisca Miquelina, 190 - Fone: 33-5628.

**KOSMOS
FOTO**

ARTIGOS E SERVIÇOS
FOTOGRAFICOS, CINEMATOGRAFICOS

RUA SÃO BENTO 288,
TEL.: 2-5882
SÃO PAULO

MAR
CUS



MILHARES DE OLHOS

VÊM E JULGAM OS SEUS ANUNCIOS

Da sua apresentação depende a sua eficiência.

Portanto, em seus impressos use sempre

Clichés **FORTUNA**

RUA JOÃO ADOLFO, 93 - FONE 2-3492



Maximo conforto...
em *Minimo* espaço.

ENDEREÇO:

PRAÇA DA SÉ, 313 - SALA 19 - FONE 33-5404
SÃO PAULO

cama Supratic
MARCA REGISTRADA

PATENTE N.º 572

Saiba escolher o seu filme



para melhores fotografias

O filme preferido para fotos de exteriores. De rapidez muito elevada, assegura boas fotos até com pouca luz.



SUPERCHROM
30°



PANCHROMOSA
32°



**MICROGRAN
PANCHRO 27°**

O filme ultra-rápido para instantâneos à noite ou à luz artificial. É o filme para amadores adiantados.

O filme de máxima fidelidade para instantâneos e ampliações perfeitas. Não apresenta granulação mesmo em grandes ampliações.

À venda nas melhores casas do ramo.